UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "Julio de Mesquita Filho"
Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação – FAAC
Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo – DAUP

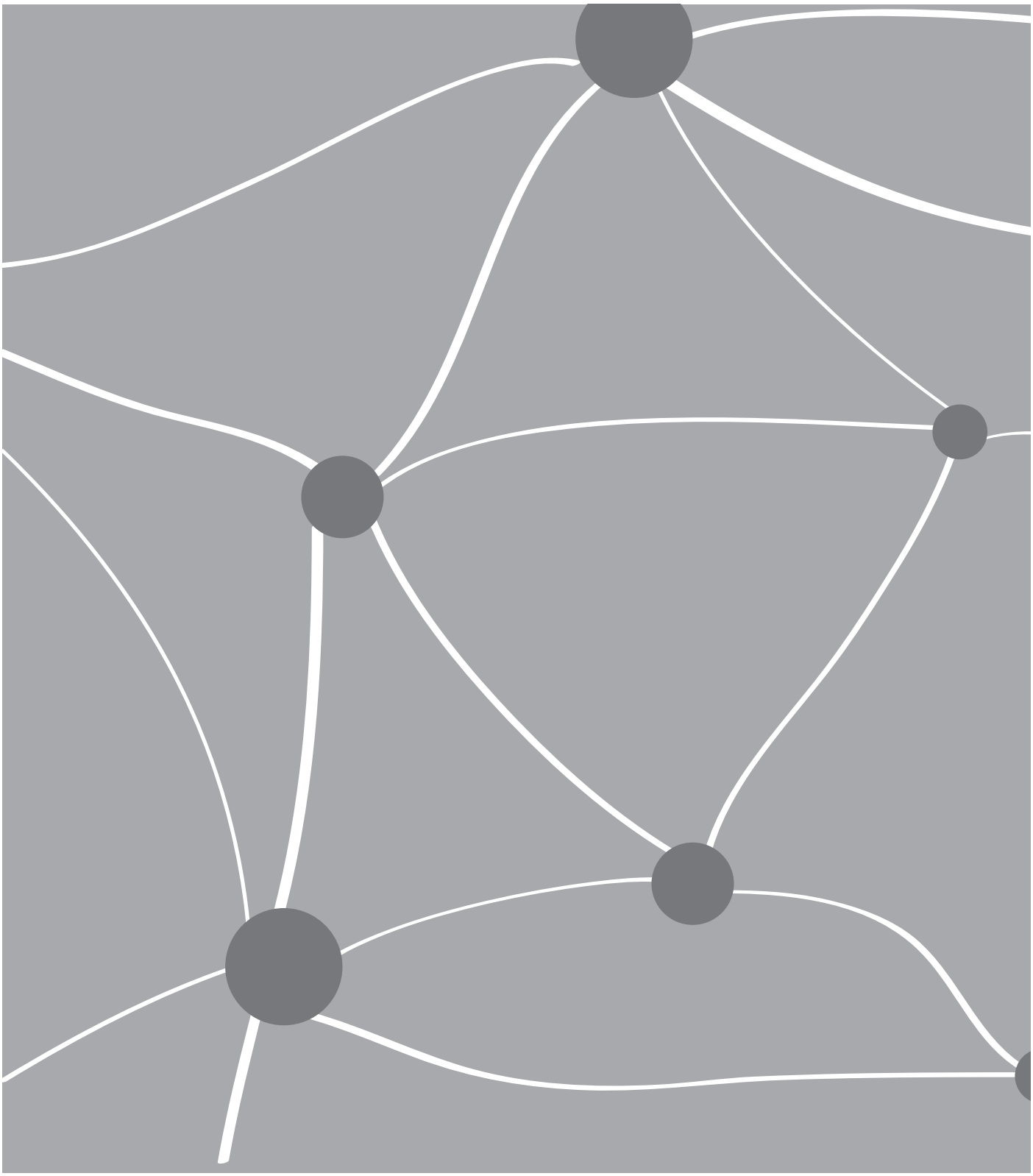
AQUITETURA DA ESSÊNCIA:

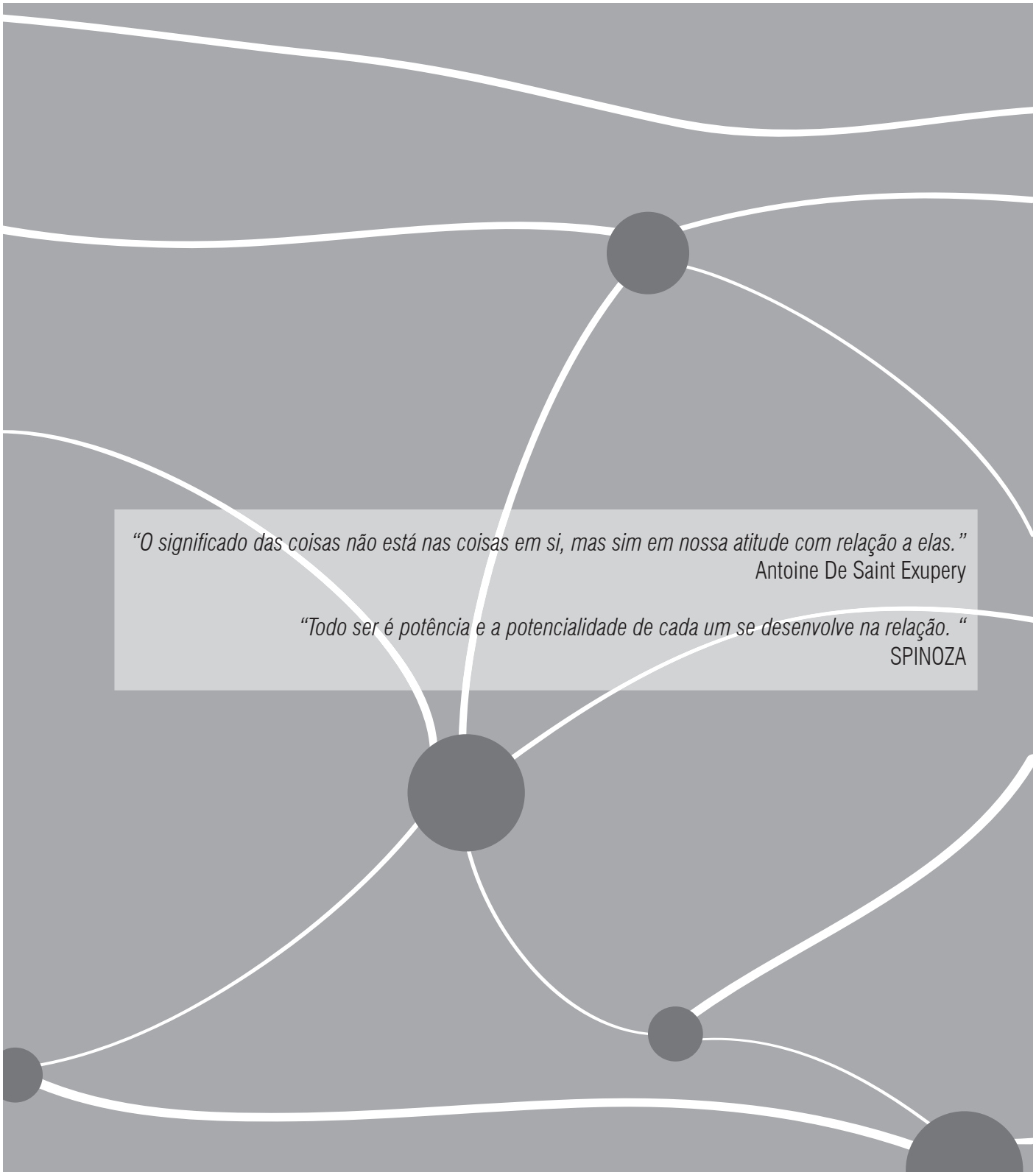
a importância do envolvimento do arquiteto para o espaço e a sociedade

Trabalho Final de Graduação

Autora – Gabriela Gonçalves Franco
Orientador – Samir Hernandes

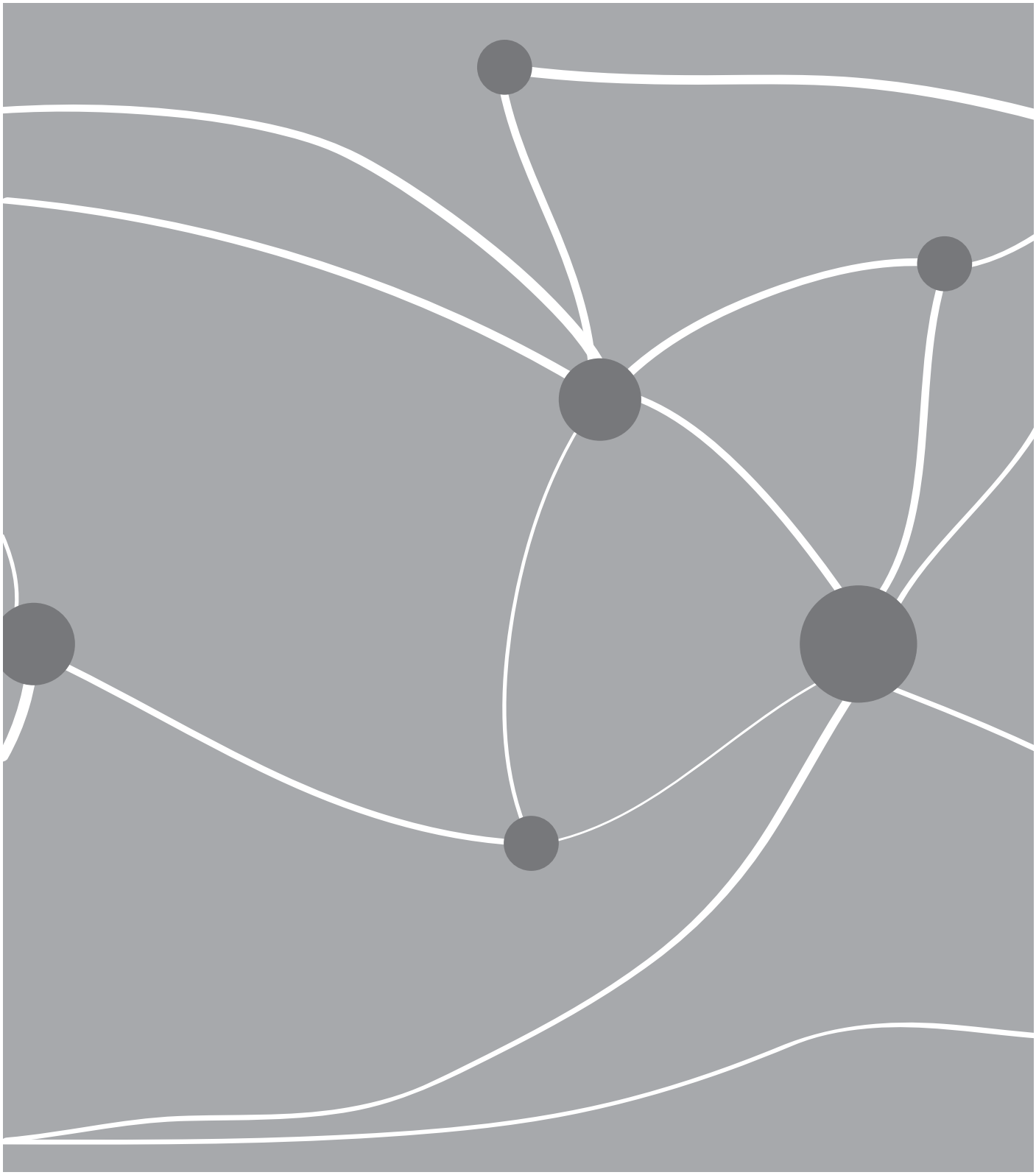
Bauru, 2011

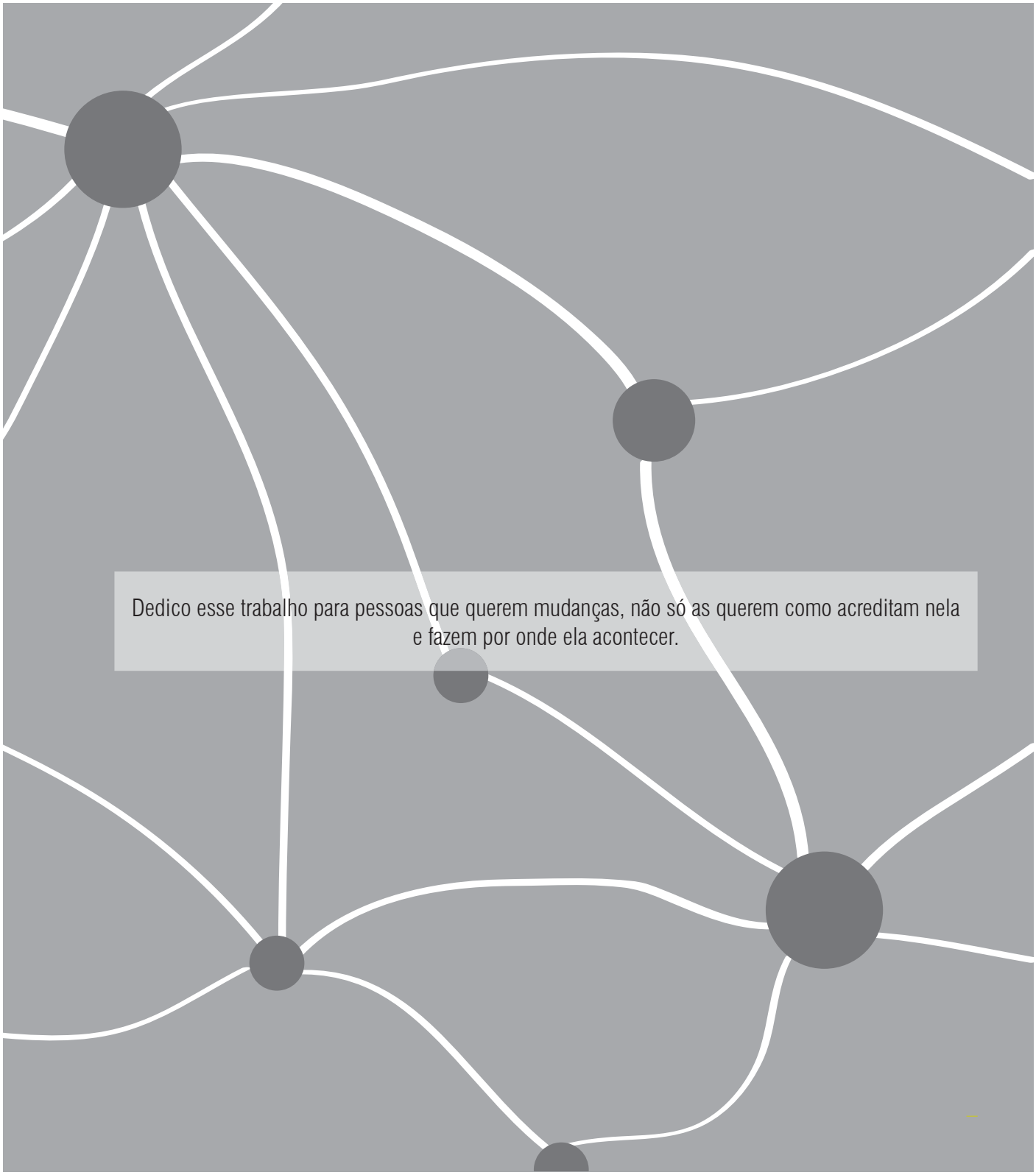




"O significado das coisas não está nas coisas em si, mas sim em nossa atitude com relação a elas."
Antoine De Saint Exupery

"Todo ser é potência e a potencialidade de cada um se desenvolve na relação. "
SPINOZA



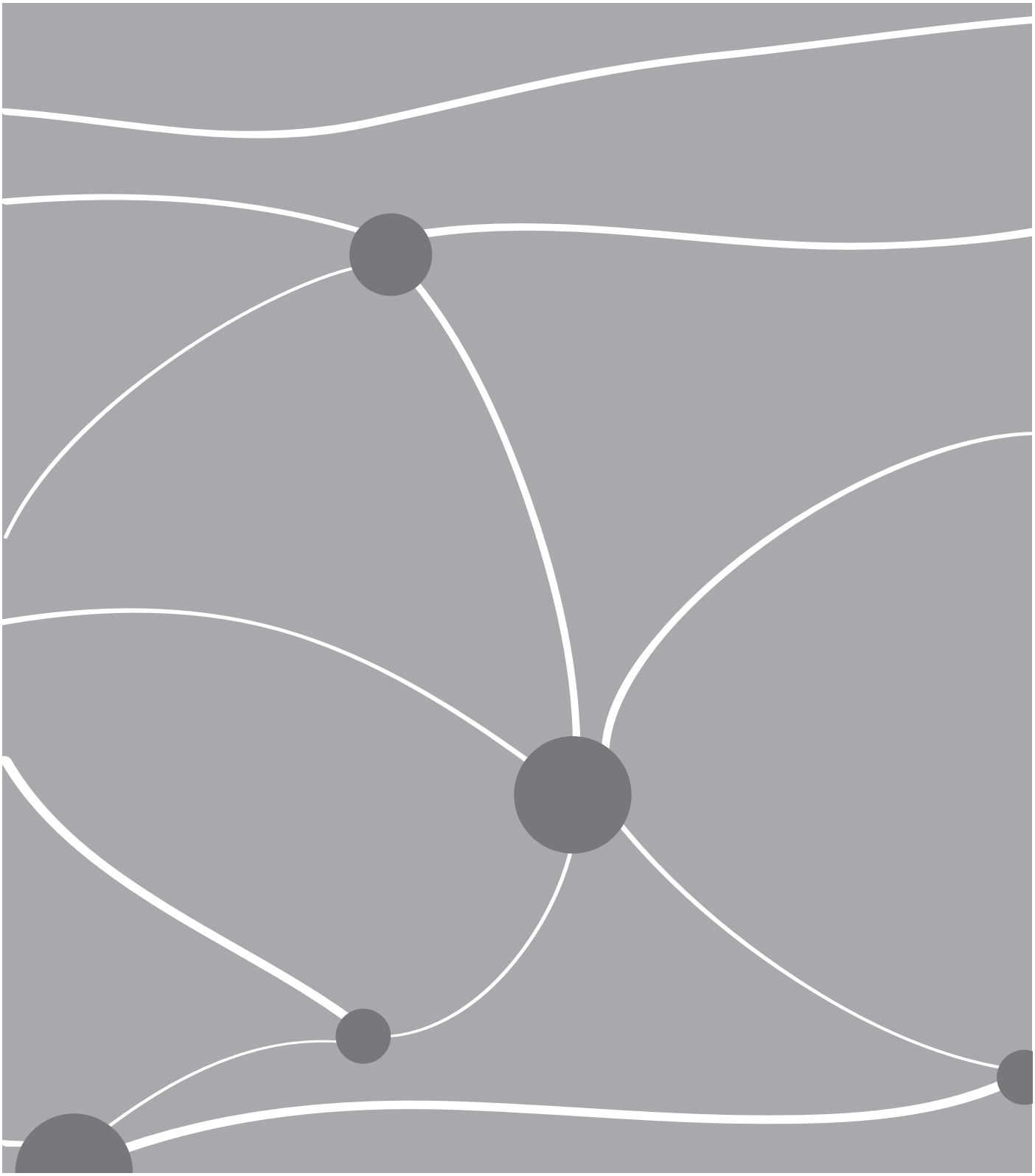


Dedico esse trabalho para pessoas que querem mudanças, não só as querem como acreditam nela e fazem por onde ela acontecer.

Obrigada mãe, pai, Lú, por me mostrarem, cada um do seu jeito que o amor não é feito só de coisas boas, mas é fundamental para que elas existam. Graças a vocês aprendi a buscar e valorizar a essência e acho que foi isso que me proporcionou encontrar pessoas tão especiais no meu caminho, pessoas como a “galera da City”; meus amigos da Fundação Bradesco; minha familia baurulina (Minas de Minas, edifício Carina, PQP e agregados), que agradeço por permitir a existência de uma amizade tão especial e fundamental.

Obrigada Branquinho, pelos aprendizados e significativos momentos.

Agradeço também ao Samir, Kelly, Benéia, Sodka e Sipá por contribuirem, com a realização desse trabalho .



SUMÁRIO

Introdução.....11

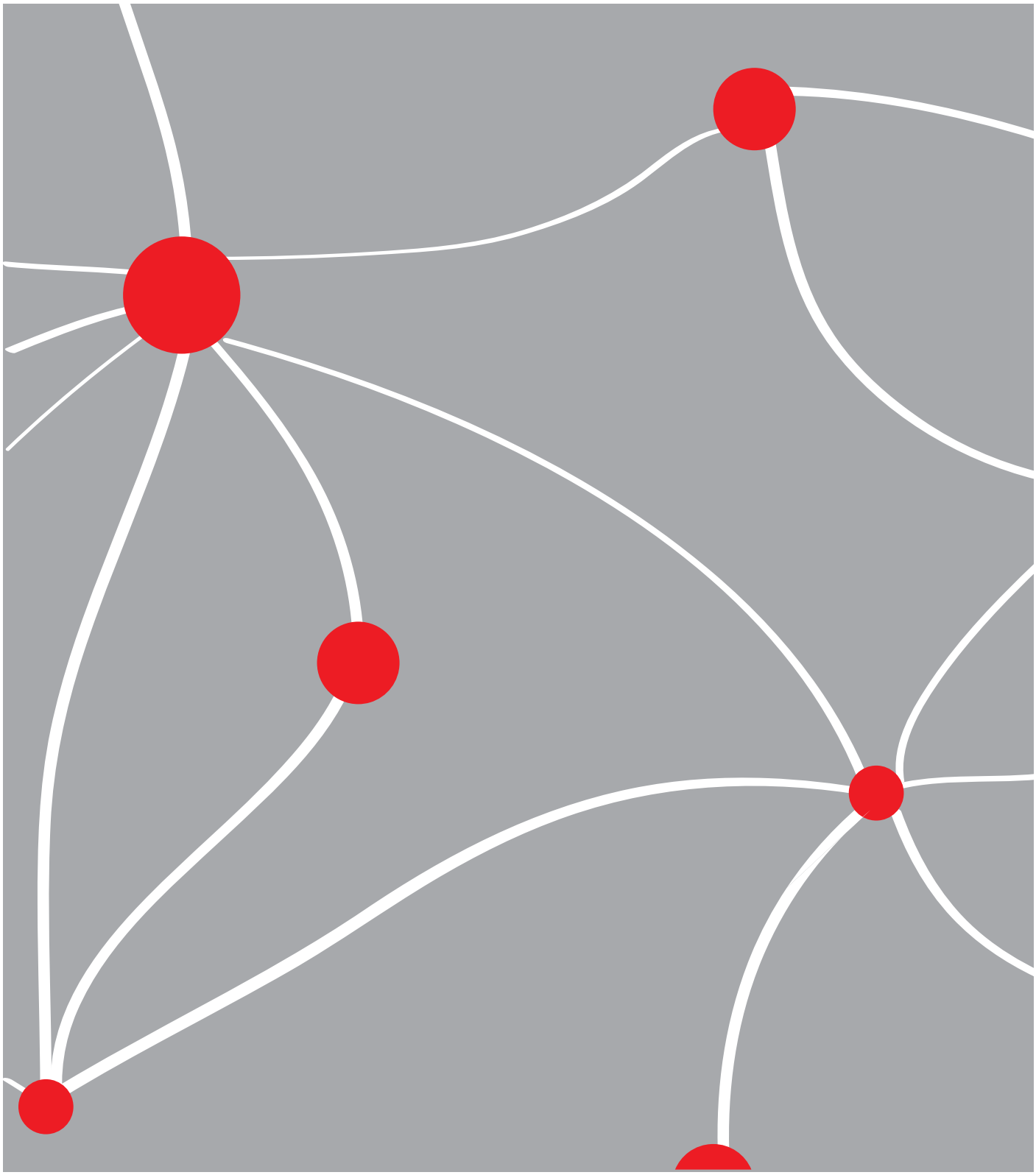
Entendendo a arquitetura e suas relações.....15
Relações na arquitetura.....16
Relações com a arquitetura.....29

Sobre a essência.....31
Arquitetura da essência e a Atualidade.....32
Percebendo o homem, o espaço, e a relação entre eles.....39
Importância da arquitetura para relações humanas.....46

Proposta e estudos de caso.....51
Proposta metodológica.....52
Estudo de caso – projetos e54.....54

Considerações e diretrizes.....73
Considerações.....74
Diretrizes.....77

Referências Bibliográficas.....80



INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do envolvimento do arquiteto com sua área de atuação, o espaço, e consequentemente com quem o utiliza, as pessoas, a fim de encontrar ou mesmo ressaltar maneiras de se conseguir criar uma arquitetura que promova o envolvimento humano, ou seja, um espaço coletivo, onde o encontro, a permanência e o contato ocorram de forma natural, tentando, a partir dessa relação, resgatar a essência arquitetônica, ou, talvez seja melhor dizer, da sociedade.

O foco não é o espaço em si, mas as relações possíveis para a concepção dele e a potencialidade que ele tem para possibilitar uma maior interação entre as pessoas, expandindo seus conhecimentos e contribuindo para novas visões da cidade e de suas próprias "realidades", um local de discussões, troca de idéias e evolução. Na pesquisa há uma parte teórica que mostra algumas relações pertinentes à arquitetura, expondo e explicando alguns conceitos e situações, que devem ser considerados tanto para projetarmos um espaço desse tipo, quanto para entendermos o que pode contribuir ou não para que ele de fato funcione como tal. Há também um acompanhamento e análise de projetos do escritório 54, um dos motivadores do conteúdo desse trabalho.

Pretende-se apontar aqui um dos prováveis caminhos para tornar prático a essência[1], da arquitetura, que seria a qualidade de vida urbana, reconhecendo o homem, sua percepção, necessidades e vontades, como uma questão primordial dessa atividade, transpassando a aparência por si.

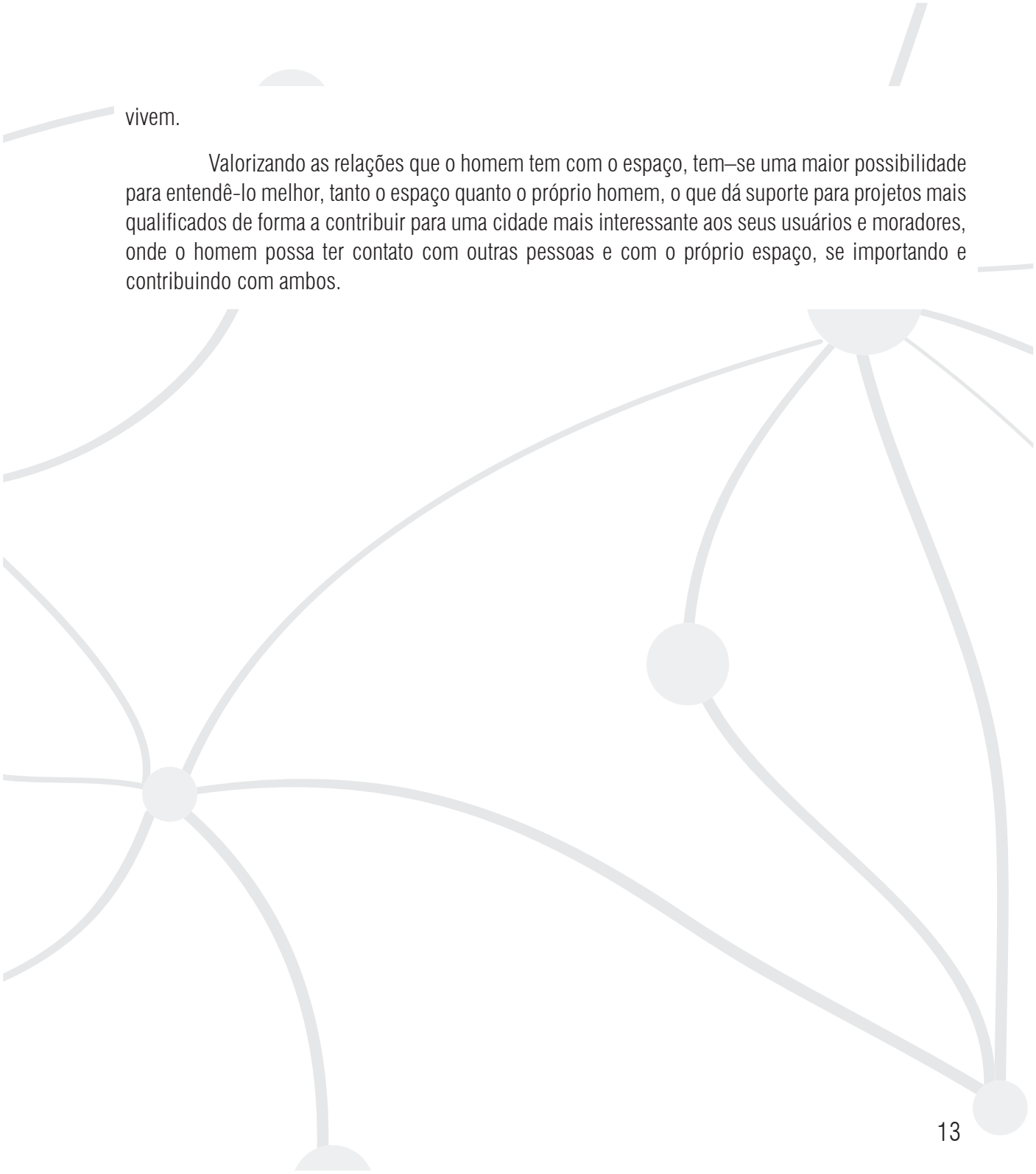
Segundo João Sette Ferreira (2011) "[na atual situação que nos encontramos] coloca-se uma dupla e antagônica possibilidade: a de, por um lado, descobrirmos uma nova forma de fazer cidades, ou por outro, de continuar a reproduzir e exacerbar cada vez mais o caminho da barbárie urbana.". Espera-se, nesse trabalho, poder ficar com a primeira opção.

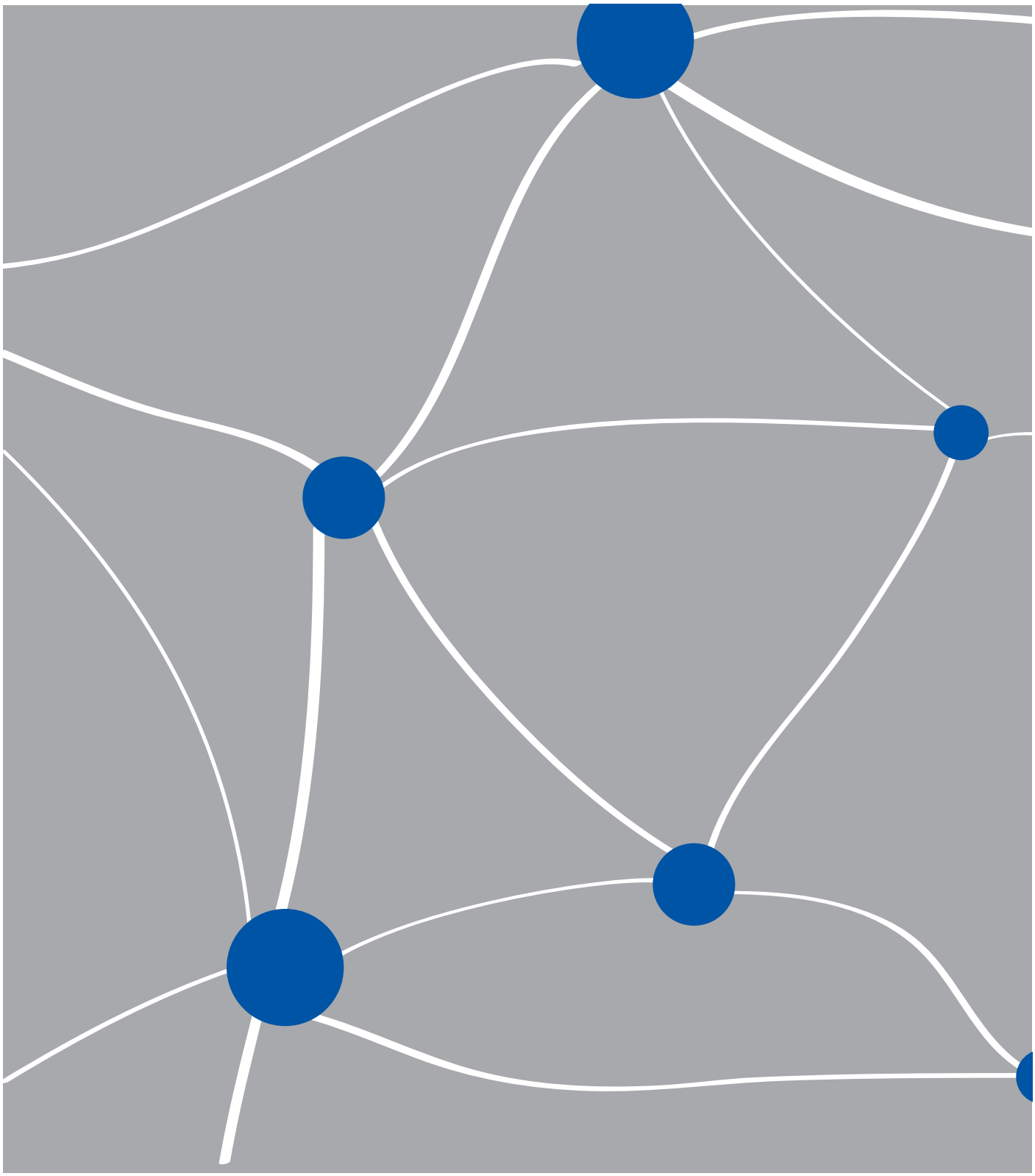
A partir das informações e experiências apresentadas aqui pode-se chegar a uma metodologia que possibilite um trabalho do arquiteto em conjunto com a população (ou ao menos considerando-a) mas feito através de uma metodologia livre, aberta, que não engesse o processo de relação, pelo contrário, que possibilite com que ele se dê de diversas formas, se adequando a cada situação, a cada momento, respeitando a individualidade dos lugares e das pessoas que neles

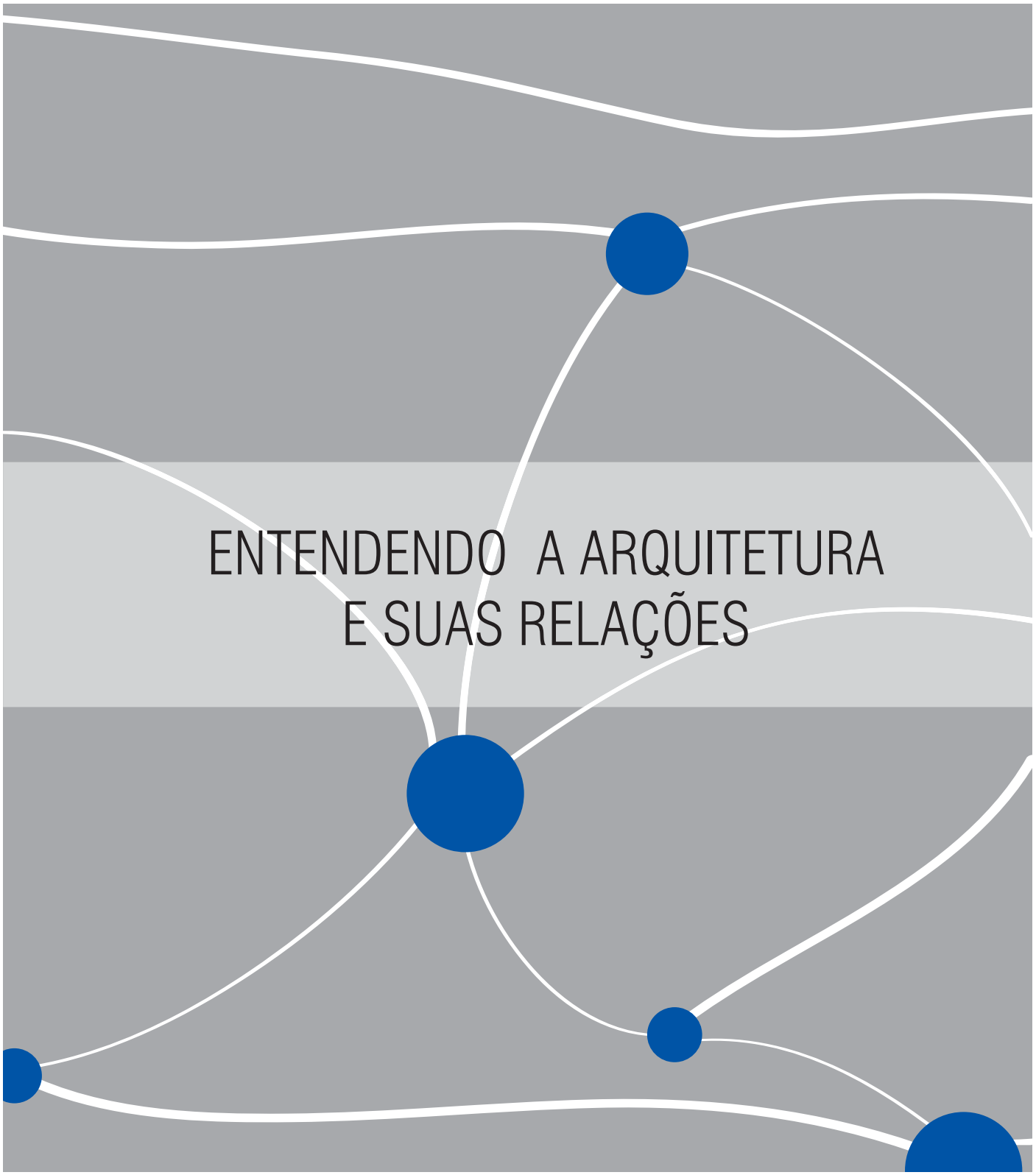
1 Entende-se como essência da arquitetura o planejamento do espaço a fim de atender o homem e seu bem estar, ou a contribuição que essa exerce para ele, seja essa contribuição física, reflexiva, ou outra.

vivem.

Valorizando as relações que o homem tem com o espaço, tem–se uma maior possibilidade para entendê-lo melhor, tanto o espaço quanto o próprio homem, o que dá suporte para projetos mais qualificados de forma a contribuir para uma cidade mais interessante aos seus usuários e moradores, onde o homem possa ter contato com outras pessoas e com o próprio espaço, se importando e contribuindo com ambos.







ENTENDENDO A ARQUITETURA E SUAS RELAÇÕES

RELAÇÕES NA ARQUITETURA

Para auxiliar no entendimento da importância do envolvimento que o arquiteto deve ter com o meio e as pessoas, serão expostas algumas relações inerentes à arquitetura.

A arquitetura e o urbanismo são feitos para o homem, para suprir suas necessidades, não levá-lo em consideração equivale a passar por cima da essência arquitetônica/ urbanística. Quando o arquiteto dá mais importância ao ser humano, se relacionando com ele e com o espaço que receberá o projeto, fica mais fácil de entender o que melhor se encaixa ali e mais fácil também de se aproximar da essência citada, se afastando de um projeto vazio e superficial. Sendo assim, não seria exagero dizer que uma arquitetura consciente engloba o conceito de relação.

Considerando a característica multidisciplinar dessa disciplina/ profissão, pode-se ressaltar a importância do contato com pessoas e profissionais de outras áreas para um projeto mais completo, seja por pontos em comum entre as diferentes áreas, ou pelas diversas soluções e contribuições que cada uma pode proporcionar, independentemente de haver similaridades de uma com a outra.

Por serem muitos os campos de atuação da arquitetura, já se percebe seu caráter

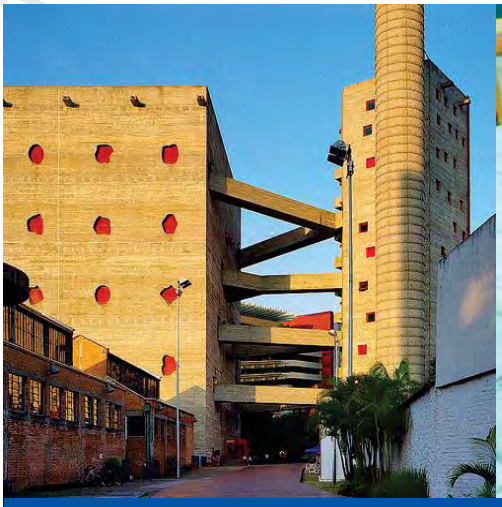


Fig. 1 Sesc Pompéia de Lina Bo Bardi
Fonte: http://casadaidea.com.br/tag/bauhaus/

Fig. 2 Sofá projetado por Lina Bo Bardi para o Sesc Pompéia
Fonte: http://habituee.wordpress.com/page/6/

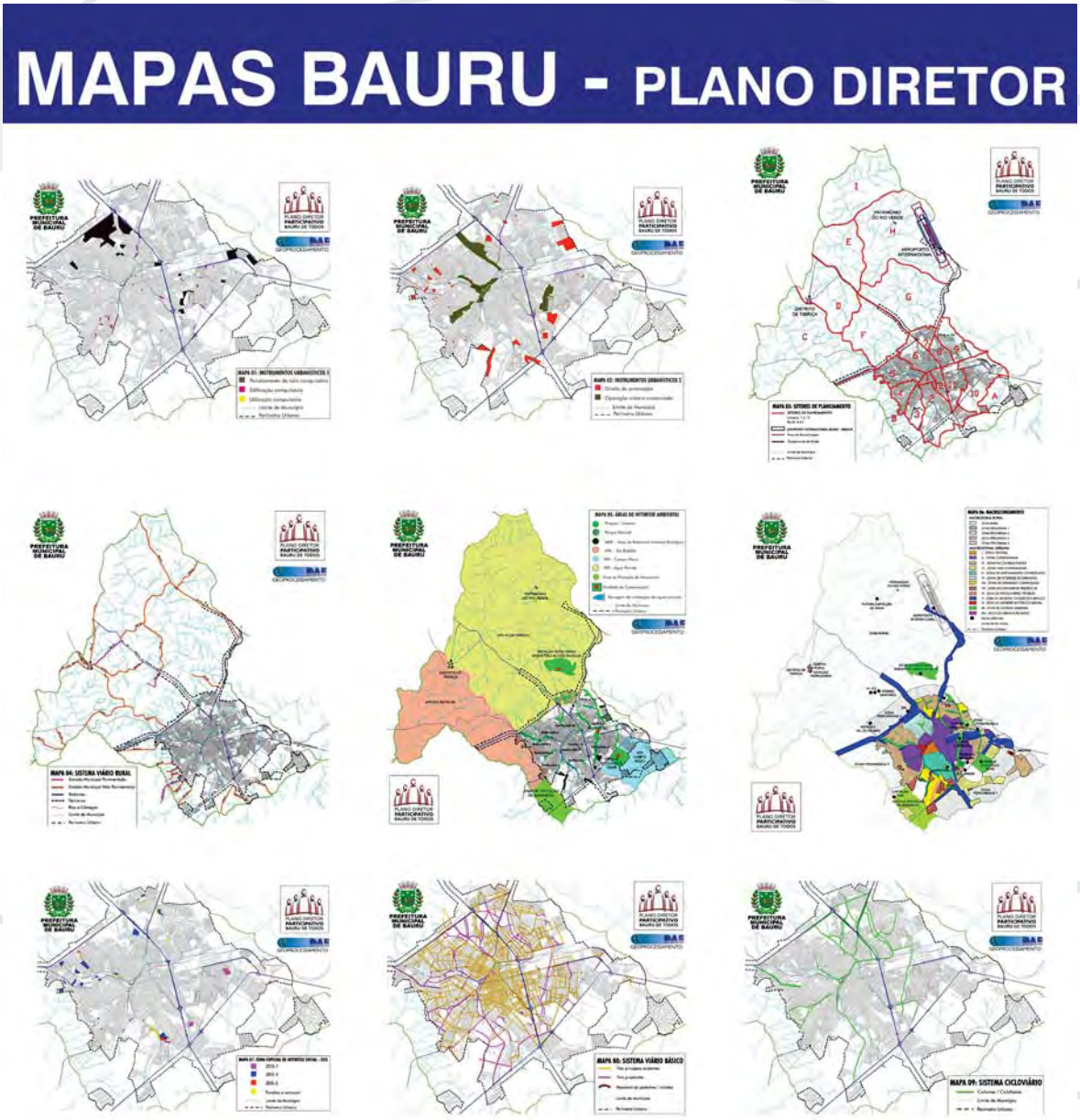


Fig. 3 Mapa de planejamento de Bauru – Plano Diretor
Fonte: http://hotsite.bauru.sp.gov.br/planodiretor/default.aspx

Fig. 4 Projeto ganhador do Concurso IAB – Soluções para Cidades
Fonte: http://www.iabsp.org.br/concurso.asp?ID=131

interdisciplinar. Ela pode ocorrer da pequena à grande escala, desde mobiliários residenciais a planejamentos de cidades, o que pode abrir espaços para arquitetos, designers, artistas plásticos, engenheiros, geógrafos etc, trabalharem em conjunto. O contato com outras áreas amplia os conhecimentos sobre mesmos pontos trabalhados nas diferentes profissões.

Havendo esse intercâmbio de informações, não só há uma contribuição no conhecimento em comum entre as diferentes áreas do saber como também pode haver um complemento desse, o que auxilia à compreensão de como tal situação chegou ao estado em que se encontra, ou a prever alguns fatos. Isso chama-se transdisciplinaridade[2] e a respeito dela cabe falar no contato com filósofos, economistas, assistentes sociais, historiadores, psicólogos etc.

Essas relações podem se dar de forma direta, ou seja, ambos os profissionais trabalhando literalmente juntos, e/ou de forma indireta, quando o arquiteto utiliza pesquisas, artigos, enfim, os conhecimentos das outras áreas.

Em suma, essa relação "interdisciplinar/ transdisciplinar" é o conjunto de todas as

2 A transdisciplinaridade é uma abordagem científica que visa a unidade do conhecimento. Desta forma, procura estimular uma nova compreensão da realidade articulando elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade. Além disso, do ponto de vista humano a transdisciplinaridade é uma atitude empática de abertura ao outro e seu conhecimento. (ROCHA FILHO, 2007, apud WIKIPEDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/Transdisciplinaridade)

relações mostradas abaixo, entre outras relações existentes, que são de suma importância para o entendimento do espaço e dos homens que o ocupam.

RELAÇÃO ECONÔMICA

Partindo das idéias de Milton Santos (2004), fica impossível separar o espaço, objeto de estudo e atuação dos arquitetos, da economia. Considerando que o espaço construído trata-se de um produto, ele inevitavelmente representa o modo de produção de uma sociedade e seus objetivos ao mesmo tempo em que é resultado deles. Esse modo de produção se estabelece pelo produto que se quer atingir, e esse produto, segundo Santos (2004), é definido atualmente por uma necessidade global, ao invés da necessidade específica de cada lugar. Essa condição faz com que tanto as que constroem esses espaços, quanto os próprios espaços tornem-se alienados respectivamente aos seus frutos e ao seu entorno.

Essa alienação é mantida pelo sistema de produção que, desde a era industrial, é segmentado, o que faz com que os trabalhadores tenham uma visão limitada e condicionada das possibilidades. Esse mesmo sistema gera produtos que só podem ser utilizados por poucos (o que valoriza o produto), geralmente excluindo quem o construiu. (Podemos ver essa situação tratada na letra *Cidadão* de Lúcio Barbosa (1999), no quadro abaixo).

Devido a essa inacessibilidade somada ao incentivo de símbolos inerentes aos espaços construídos (símbolos que reafirmam a inacessibilidade, a exclusão, podendo se dar por materiais utilizados, conjunto das formas, logos etc) tem-se um espaço que é cobiçado, mas não utilizado

"Tá vendo aquele edifício moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Eram quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
olho pra cima e fico tonto
Mas me chega um cidadão
e me diz desconfiado, tu tá aí admirado
ou tá querendo roubar?
Meu domingo tá perdido
vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar o meu tédio
eu nem posso olhar pro prédio
que eu ajudei a fazer
Tá vendo aquele colégio moço?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Pus a massa fiz cimento
Ajudei a rebocar
Minha filha inocente
vem pra mim toda contente
Pai vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
aqui não pode estudar
Esta dor doeu mais forte
por que que eu deixei o norte
eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava mas o pouco
que eu plantava
tinha direito a colher [...]"

por quem o constrói.

Esses espaços, podendo ser usados a fins de bens coletivos, são usados sob a ótica da especulação de ordem econômica, ideológica, política, sob a ótica do lucro, visto que possuem valor de troca, fazendo com que sejam investidos mais em alguns pontos (estratégicos) e menos em outros. No fim, a potencialidade existente nessas áreas se limitam a atender interesses do mercado. Pelas palavras de Milton Santos(2004) "a arquitetura se adaptou ao mundo dos negócios prezando mais pela reprodução rápida do capital", sendo assim "temos uma arquitetura desprovida de afetividade" (MEYER apud SANTOS, 2004 p. 36).

Com essa situação e para mantê-la, temos nos espaços a relação entre as diferentes classes sociais, mas essa relação se dá apenas quando se trata de trabalho, mão de obra, consumo. Extrapolando essa esfera econômica vemos uma enorme separação entre essas classes, distanciadas pelos privilégios que uma tem e outra não.

Para tentar minimizar o uso especulativo do espaço é necessária a intervenção do Estado e órgãos públicos, o que nos leva a outra relação.

RELAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL

Essa seria uma relação na qual se levanta questões de necessidades básicas de direitos a todos, que compete aos órgãos públicos resolverem (mas não só a eles), visto que se trata de problemas como edificações abandonadas, falta de moradia qualificada, saneamento básico ou infraestrutura, e a partir desse levantamento busca-se reverter e melhorar essa realidade.

O planejamento urbano consiste em propor uma reorganização urbana, considerando o contexto (econômico, social, espacial, entre outros) da área em questão, podendo estabelecer os tipos de atividades permitidas em determinada "zona", seus limites de altura, os investimentos etc. Desde a década de 70, no Brasil, algumas cidades passaram a utilizar planos diretores[3] , que são elaborados por planejadores urbanos, entre outros profissionais, na "tentativa" de melhorar suas condições.Contudo, nesse começo, muitos desses planos não condiziam com a realidade das cidades em questão. Com a criação do Estatuto da Cidade em 2001, foi possível melhorar a situação desses instrumentos, exigindo até participação popular em sua elaboração, a fim de atender, de forma mais real, as necessidades dos moradores e usuários da cidade.

3 O Plano Diretor pode ser definido como um conjunto de princípios e regras orientadoras da ação dos agentes que constroem e utilizam o espaço urbano. (BRASIL, 2002, p. 40).

Fig. 5 Esgoto a céu aberto - Jd. Nicéia Bauru
Foto: Karen Ferraz – Fonte: http://www.livrevista.com/article.php?id=403 Acesso:10/10/11

Fig. 6 Rua de terra e autoconstruções sem orientação na periferia de Bauru
Fonte: arquivo pessoal

Fig. 7 Estação ferroviária no centro de Bauru também abandonada – Foto: Gabriela G Franco

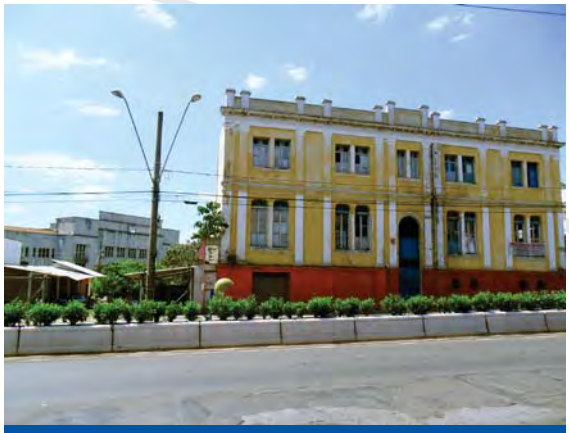


Fig. 8 Hotel abandonado no centro de Bauru
Foto: Gabriela G. Franco

Mesmo com esses avanços, ainda falta uma seriedade e maturidade maior na elaboração desses planos, ou, talvez seja melhor dizer, em sua aplicação prática, que pode ser utilizada para atender interesses privados ou financeiros (especulação) e, mesmo com a exigência da participação popular para assegurar os direitos de quem vive no local, os envolvidos podem manipulá-la ou reduzi-la.

O problema apontado acima, além de mostrar a necessidade de mudança na mentalidade dominante do "lucro a cima de tudo", mostra a importância do papel do arquiteto na tentativa de demonstrar seu valor para a sociedade. Para que isso ocorra, ele precisa estar consciente desse valor, o que é possível ou facilitado através da educação.

RELAÇÃO EDUCACIONAL E PROFISSIONAL

O tipo de aprendizado que participa o estudante e sua relação com os professores, inevitavelmente influenciam na formação do pensamento do mesmo, de seus objetivos pessoais e, consequentemente, de seus objetivos profissionais. Lembrando que as experiências de vida dele também têm uma parcela significativa de influência.

Ao se falar de profissão estamos falando da relação do arquiteto com a cidade, com o espaço construído e a se construir, pensar, refletir. Refere-se também à metodologia utilizada na concepção de um projeto, e na relação do arquiteto com a obra, no sentido de como é o tratamento, respeito, reconhecimento, troca de informações com os demais profissionais que ajudam nessa etapa, sem esquecer o tipo de contato que é proporcionado entre arquiteto e usuário. Pode-se falar no papel que o arquiteto exerce, ou deveria exercer na sociedade, contribuindo com a cidade através de um olhar sensível e crítico, propondo respectivas e complementares soluções. A partir disso é possível fazer um paralelo com o caminho acadêmico que pode ser traçado por esses profissionais, colaborando com uma formação que possibilite enxergar e valorizar os diversos campos de atuação do arquiteto.

No âmbito educacional, tem-se o incentivo para refletir os espaços urbanos e a arquitetura, mas não só o aspecto intelectual pode ser exercitado, também o prático deveria, pelo menos em algumas faculdades, ganhar mais atenção. A aproximação do estudante com a construção permite um melhor entendimento de estruturas, resultados visuais, enfim, do projeto como um todo, o que auxilia no conhecimento teórico, refletindo em práticas melhores resolvidas. Trata-se, portanto, de um ciclo evolutivo, no qual a prática abre espaço para elaborações e/ ou reformulações de teorias, e essas podem ser posta em prática.

Sobre essa experiência prática, vale lembrar a importância do canteiro experimental, que é um espaço onde a tentativa e o erro não só são benéficos, como permitidos, o que ajuda o estudante a entender melhor as distribuições de forças. Essa liberdade pode instigá-lo a arrumar soluções inovadoras para estruturas e formas, testando-as sem medo, ou sem a responsabilidade de não dar certo, pois o canteiro experimental é um espaço de aprendizagem não de trabalho.

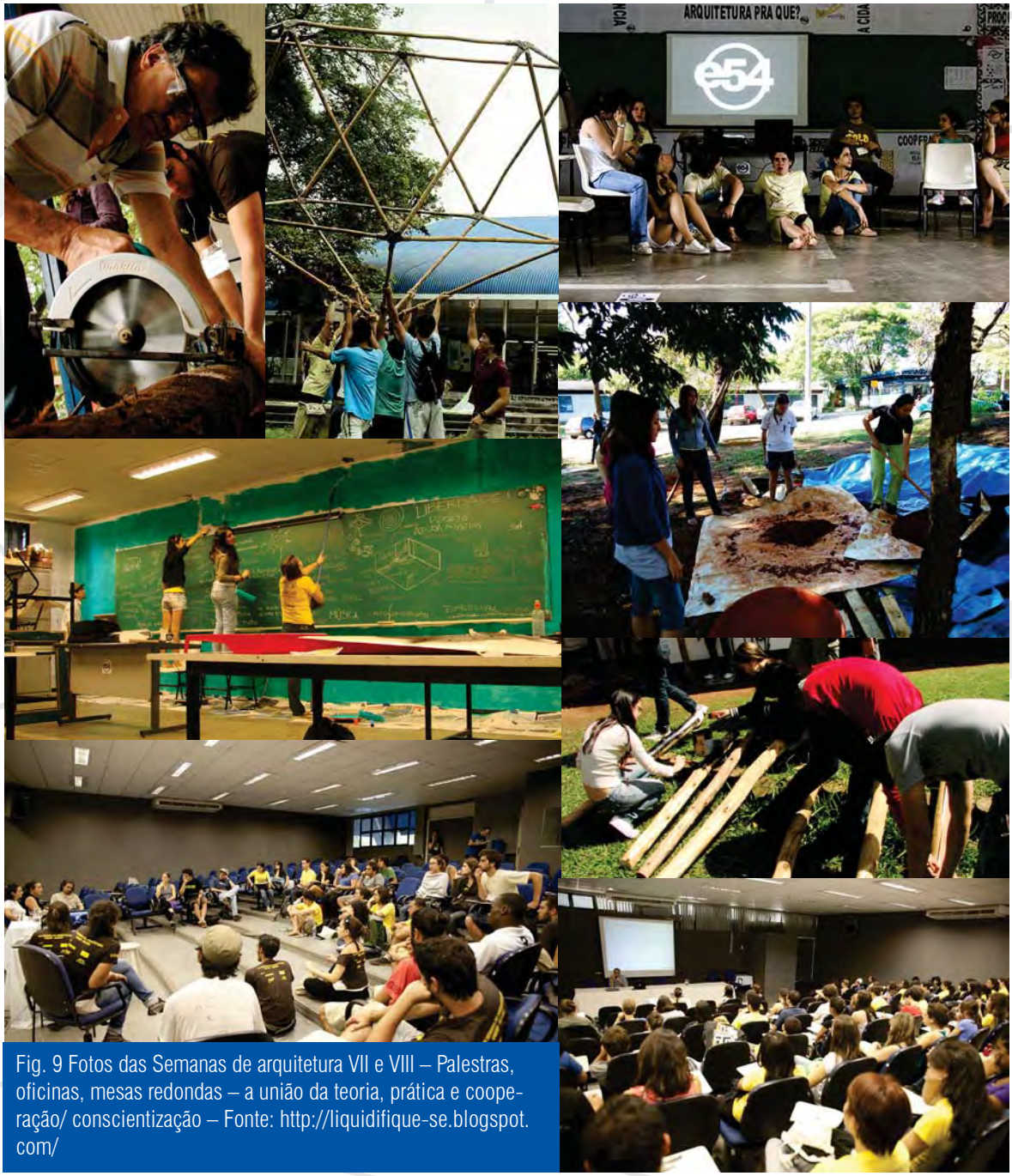


Fig. 9 Fotos das Semanas de arquitetura VII e VIII – Palestras, oficinas, mesas redondas – a união da teoria, prática e cooperação/ conscientização – Fonte: http://liquidifique-se.blogspot.com/

Segundo um relato sobre o *Projetar 2005 - II Seminário sobre ensino e pesquisa em projeto de arquitetura* (2005), um ensino qualificado, é a base para projetos qualificados ao seu meio, entretanto, essa tão importante qualificação na educação deixa a desejar.

> [...] se por um lado se entende por Arquitetura e Urbanismo a atividade humana que transforma intencionalmente o ambiente físico por meio de projetos de intervenção, por outro lado estas intervenções no ambiente físico têm sido cada vez menos fundamentadas em bases críticas e conceituais por parte de seus autores. Muitos profissionais não têm sido motivados, em sua formação, a refletirem criticamente sobre a arquitetura que produzem, suas bases conceituais e teóricas, seus modelos e seus impactos sociais, culturais e/ou ambientais. (Cristiane R.S. Duarte e Paulo Rheingantz, 2007).

Seja para fins educacionais ou profissionais, qualquer intervenção que o arquiteto ou estudante de arquitetura fizer estará interferindo e compondo a paisagem.

RELAÇÃO PAISAGÍSTICA

Gordon Cullen (2006) foi um dos arquitetos que trabalhou essa questão da paisagem urbana na arquitetura, da relação que se faz entre a área do projeto com seu entorno, levando em consideração tudo que pode ser observado, como outras edificações, características ligadas à geometria, formas dos edifícios (altura, comprimento das construções ao redor, seus estilos), espaços livres, caminhos, árvores, propagandas, tudo que compõem o que se vê. Isso inclui também os diferentes "tempos" que podemos encontrar em um mesmo lugar e as diferentes escalas existentes (que indicam à que público se destina o espaço - pedestres, ciclistas ou motoristas – e sua área de abrangência – uma escala local, regional, nacional ou mesmo global).

Essa relação está intimamente ligada à qualidade do espaço urbano, à sua organização, tornando-o visivelmente agradável, além de consequentemente, confortável, pois através de características espaciais e geométricas pode-se pensar em circulação, não só de pessoas, mas de ar, incidência solar, o que contribui para uma melhor arquitetura. Além disso, um projeto coerente (quando se considera o bem estar humano) utiliza estratégias de tornar o espaço melhor inteligível.

Toda essa observação e apreensão do espaço possibilitam ao arquiteto pensar em uma

Fig. 10 Paisagem de Bauru, com Parque Vitória Régia em primeiro plano
Foto: Gabriela G Franco

arquitetura que seja condizente com seu entorno, respeitando-o e colaborando com ele.

Entretanto, se realmente for relatado as coisas da paisagem que mais chamam atenção, além dessa preferência ter influência de nossas experiências de vida, certamente terão muito a ver com o visual, a forma como se apresentam e são vistas, por isso a estética é tão importante na arquitetura.

RELAÇÃO ESTÉTICA

Quando se fala de arquitetura, inevitavelmente atrela-se sua idéia à beleza. Em todos os períodos, clássico, idade média, renascimento, modernismo (considerando suas subdivisões), houve uma preocupação com sua estética, sempre voltada à forma, ao desenho, talvez porque esse é o meio utilizado para representá-la, para passá-la do âmbito das idéias para o material. A arquitetura desses períodos continham algumas diretrizes definindo seus estilos arquitetônicos e consequentemente a estética que se esperava, condizendo com as ideologias predominantes. Além da arquitetura ter uma característica marcante em cada época, podemos ver fortes diferenças decorrentes de características culturais.

Fig. 11 Matriz de Sto Antônio - Recife Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Recife_matriz_de_santo_ant%C3%B4nio.jpg

Fig. 12 Projeto de arranhacéu - Ereván, Armênia.Fonte:http://guiamenc.blogspot.com/2010/07/original-estructura-geodesica-para-un.html

Fig. 13 Templo Heian Jingu - Kyoto, Japão.Fonte:http://www.sempretops.com/wp-content/uploads/serra-da-capivara-32.jpg

Etimologicamente, estética remete à palavra grega aisthésis (FEITOSA 2004), que significa percepção através dos sentidos e ou dos sentimentos. Filosoficamente, trata da natureza e entendimento das pessoas sobre o que é o belo e também o feio. Sendo assim, a estética se ocupa das sensações que uma obra provoca, seja ela boa ou ruim, o que interfere no julgamento da beleza.

Pela definição de Immanuel Kant, filósofo prussiano do século XVIII, no momento em que se julga a beleza de um objeto (obra de arte, arquitetura, roupas) entra em questão aspectos sensíveis, racionais e intelectuais simultaneamente, já que um influencia o outro, as experiências de vida, os conhecimentos obtidos interferem na maneira de como uma pessoa se sente frente ao exposto, assim como o sentimento dessa pessoa influencia na consciência que ela tem do mesmo. Em outras palavras, os significados que algo tem dão sentido às emoções, enquanto essas contaminam os pensamentos.

Devido a essa proximidade que a interpretação de belo ou feio tem com as experiências de vida das pessoas, inevitavelmente a estética está atrelada à ética, que por sua vez é o reflexo dos valores de um grupo.

Considerando isso, podemos dizer que esse julgamento é relativo e subjetivo, entretanto,

é possível fazer algumas observações genéricas sobre a estética da arquitetura nos tempos atuais.

Pela supervalorização da imagem que se presencia atualmente, muitas vezes a aparência da arquitetura acaba recebendo uma atenção maior em relação aos seus outros aspectos, como conforto ambiental, acessibilidade, funcionalidade, etc. O problema não está em se dar boa atenção à beleza arquitetônica, e sim no fato de usar isso para mascarar outros aspectos não pensados, "tornando" o entendimento da arquitetura superficial, e a arquitetura uma arquitetura de fachada, onde a aparência deturpa o real significado da construção, contribuindo com a alienação humana em relação a isso.

A estética, por estar relacionada com o sentido mais valorizado e que mais se utiliza, ou no que mais se "confia", acaba se sobressaindo, conscientemente, quando comparada às sensações provocadas por outros sentidos, entretanto, o conjunto das sensações dos diferentes meios receptores que temos (sentidos) auxilia no processo, natural, de percepção do espaço.

RELAÇÃO PERCEPTIVA

Considerando os conhecimentos passados por Jun Okamoto (2002), sobre percepção e comportamento, nota-se que a partir da percepção ambiental são formadas, mesmo que inconscientemente, idéias e conceitos sobre os espaços. Esses, de uma forma ou de outra, provocam sensações que interferem no modo como se comporta diante deles.

As disposições dos mobiliários, forma da construção, símbolos, tudo isso pode indicar lugares mais abertos ou mais fechados, no sentido de relacionamento humano, acessos, entre outras coisas. A própria construção transmite mensagens.

Por isso é tão importante levar esse aspecto em consideração na criação e elaboração de uma construção, pois partindo do entendimento da percepção, é possível passar de maneira criativa e funcional o real objetivo de um determinado espaço, que será captado, consciente ou inconscientemente, pelas pessoas.

Fig. 14 MUBE – de Paulo Mendes da Rocha – podemos perceber que de forma instigante, o espaço convida a percorrer, naturalmente, um caminho, mesmo que seja só com o olhar.
Fonte: http://arquiteturabrasileirav.blogspot.com/2008/11/paulo-mendes-da-rocha-biografia-paulo.html

A percepção se dá através dos sentidos, como visão, audição, tato, olfato, cinestesia. As informações como propagandas, turismo, também influenciam, muitas vezes resultando em um pré conceito, visto que há situações em que não se esteve presente nos lugares e mesmo assim tem-se uma imagem pronta, já formada deles.

Entretanto, mesmo que o arquiteto, para tomar partido da percepção ao projetar, acabe generalizando, até certo ponto, a causalidade da percepção, um mesmo espaço pode proporcionar sensações diferentes em diferentes pessoas. Isso porque, cada um tem uma história de vida, um costume, cultura diferente, e uma afinidade específica com o espaço, o que inevitavelmente influencia no modo como as pessoas enxergam o local.

Uma atitude importante que o arquiteto deve tomar é, não só entender o modo como as pessoas percebem o espaço para construir algo agradável, mas proporcionar a elas meios, através de suas intervenções, de prestarem mais atenção em seus percursos e ambientes que freqüentam.

Outros tipos de relações poderiam ser mencionados, mas o importante é ressaltar, que mesmo mostrados de formas “separadas”, eles se interligam constantemente, um influenciando e interferindo o outro, até o ponto de que fica difícil falar de um sem mencionar ou entrar na esfera do outro.

O presente trabalho, mesmo considerando essas relações expostas, trata principalmente da abordagem do arquiteto com os usuários do espaço que receberá um projeto, no envolvimento que ele pode estabelecer com esse espaço, nos métodos utilizados ao projetar, entre outras.

RELAÇÕES COM A ARQUITETURA

Além dos diversos tipos de relações pertencentes à arquitetura, das quais algumas já foram mencionadas, existem várias maneiras de se relacionar com ela, gerando infinitas possibilidades de se entender o espaço construído.

Segundo Milton Santos (2004) existem duas formas de entender o espaço, a "espacialista", que o estuda a partir de sua forma, construções; e a "espaciológica", que leva em consideração as atividades exercidas no espaço, e a interação da sociedade com ele.

Como o que interessa aqui é o envolvimento da arquitetura com o homem e vice e versa, será dada uma breve explicação de alguns métodos utilizados para auxiliar nessa compreensão "espaciológica":

- *Avaliação Pós Ocupação (APO)*
  Consiste, como o próprio nome já sugere, em avaliar o ambiente construído a partir de inúmeras metodologias, levantando problemas com o objetivo de solucioná–los.

- *Análises ergonômicas*
  Observar situações existentes para poder pensar melhor em como projetar espaço e objetos para que as pessoas se sintam confortáveis fisicamente ao realizar uma ação.

- *Pesquisa de Opinião*
  Elaborar perguntas a respeito do espaço em estudo para serem respondidas por seus usuários, a fim de entender como esses se sentem (subjetivamente e objetivamente) em relação aquele.

- *Planejamento/ Projeto Participativo*
  Reuniões nas quais profissionais especializados em planejamento (urbano, arquitetônico ou paisagístico) e comunidade discutem juntos idéias e soluções para determinados espaços.

Dependendo do objetivo do estudo uma metodologia pode ser mais interessante do que outra para o trabalho, mas combiná–las é sempre uma alternativa presente e significativa.

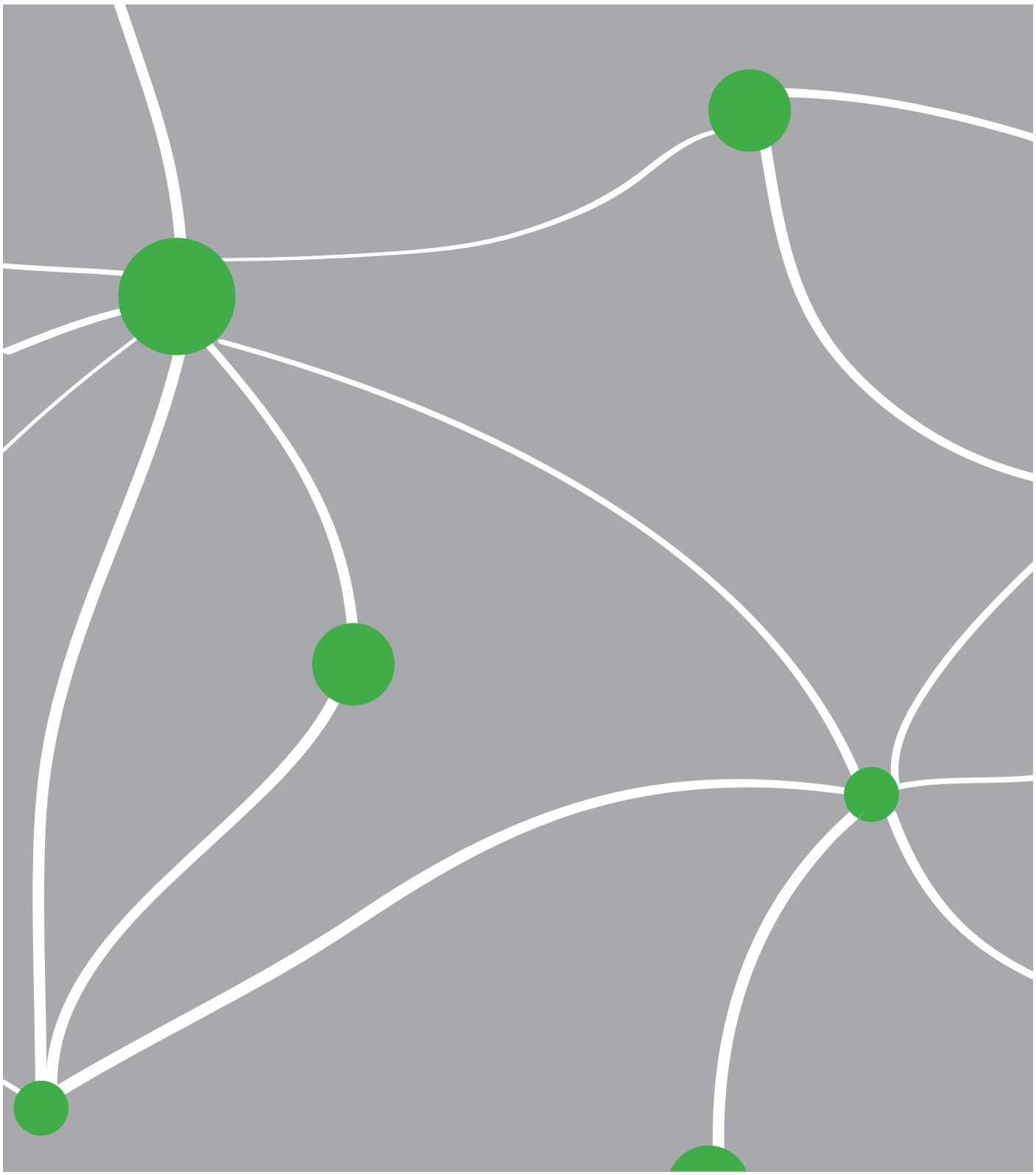
Informações de um espaço partindo da observação "distante", ou seja, sem a interferência do arquiteto, e "próximas", que são aquelas que se obtém a partir de percepções subjetivas, somada a informações que os usuários podem fornecer, e índices recolhidos por aparelhos específicos de medições (acústicas, térmicas, visuais) geram ótimas condições de entendimento local, com vários pontos de vistas.

Independente da situação específica, todos esses processos relacionais possuem algo em

comum, que é averiguar um problema, arrumar uma provável solução e, para isso, procurar viabilizar essa solução, ou seja, a melhor maneira de realizá-la.

Pensando mais a fundo, a maioria dos problemas está relacionada ao desconforto ou incômodo que os espaços e ambientes construídos causam às pessoas, sejam por passarem uma sensação de insegurança, ou por serem muito quentes, frios, barulhentos, seja pelo formato de um mobiliário no qual o corpo não fique a vontade. Independente de qual for o problema eles acarretam na não utilização espontânea do local ou então num estresse físico e mental de quem o frequenta.

Por isso faz-se tão necessária uma arquitetura que seja envolvida com seu meio, que considera o conforto dos usuários, aquela na qual existe aproximação com homem, algo ainda deficiente nos dias de hoje.



SOBRE A ESSÊNCIA

ARQUITETURA DA ESSÊNCIA E A ATUALIDADE

Sabendo que a arquitetura incorporada considera as relações e percepções humanas (tanto dos usuários quanto do próprio arquiteto), pode-se dizer que ela se trata de uma atividade que prima pela proximidade e como conseqüência disso cria-se, de forma natural, um sentimento de comprometimento e empatia com o próximo. Sendo assim, quando trabalha-se a relação humana na arquitetura, percorre-se um caminho diferente do que é incentivado, de maneira geral, no mundo atual, que visa principalmente o lucro.

Essa busca incessante por "mais" faz com que, desde a modernidade, se desenvolva um forte sentimento de individualismo, egoísmo e introspecção. As pessoas estão cada vez mais preocupadas com o próprio bem estar, supondo que maior ele será quanto melhor que o outro conseguir ser, se esquecendo ou irrelevando os problemas que isso pode acarretar ao que existe ao redor.

Além disso, incentivadas pelo sistema, surgem situações nas quais o que se aparenta ser é mais valorizado do que o que se é, pois dessa forma fica mais fácil se inserir num mundo tão perverso, onde só se considera importante os bens que se tem ou parece ter. Essa supervalorização da imagem se estende por todos os âmbitos de uma cidade, desde nossas vestimentas, comida que consumimos, até chegar ao espaço urbano.

> A globalização vivenciada na cidade contemporânea aponta para a fugacidade, mobilidade e valorização da imagem em detrimento da essência, acarretando no surgimento de lugares desprovidos de identificação com seu entorno e com a sociedade que os comporta e usufrui. (LAER; POLIDORI, 2009, p.1)

> Na maior parte dos casos, a arquitetura parece ter-se reduzido a um formalismo de fachada, que escamoteia por trás da falsa polêmica dos estilos adotados (neoclássicos ou outras denominações) a negação de tudo aquilo que se aprende na faculdade como sendo a "boa arquitetura". (FERREIRA, 2011).

É por isso que ainda se vive em um mundo onde há a quantidade se sobressaindo à qualidade, o individualismo se sobressaindo ao coletivo, o material ao essencial, o objeto ao objetivo, e esse, muitas vezes se confundindo. É fácil identificar essas inversões, basta olhar em volta: diversas habitações construídas sem se pensar em questões de conforto ou em qualidade de projeto como um todo, materiais de construção escolhidos meramente pela aparência sem levar em conta suas propriedades e características, o que pode gerar construções com conforto acústico ou térmico que deixam a desejar, transportes coletivos precários e/ou escassos, sendo que os investimentos na melhoria do desempenho deles poderiam ser maiores.

Não se tem a pretensão de sugerir que apenas com a arquitetura essas ordens se inverterão, até porque, para que isso aconteça, é necessário mudar algo que vem antes do projeto, antes da construção, é preciso mudar o pensamento, os valores. Esse trabalho é uma tentativa de voltar nossa atenção às relações, procurando viabilizá-las, potencializá-las e, dessa forma, tentar transformar o espaço segregado, impositivo, passivo que existe atualmente em um lugar mais interessante, ativo, cooperativo, assim como quem o vivencia.

Não é a intenção também desvalorizar a aparência da arquitetura, sua estética, até porque, na maioria das vezes, é por meio dela que as pessoas têm suas primeiras impressões, podendo sentir-se confortáveis ou não no espaço, o que inevitavelmente influencia em sua utilização e mesmo apreciação. A beleza da arquitetura deve fazer parte da preocupação do arquiteto.

Considerado o exposto em "estética", o belo existe em conjunto com o que é bom, um leva ao outro, o problema é quando há preocupação excessiva ou quase que exclusiva com a aparência da arquitetura, quando ela é resumida a objeto, sabendo que no fundo ela não só serve para apreciação, mas para reflexão, vivência, descobertas e auxílio na qualidade espacial, social à cidade.

> "A arquitetura e o urbanismo, quando vistos como uma profissão central na sociedade, que reflete e propõe a organização do território e do espaço construído, tem uma vocação indiscutivelmente transformadora". (FERREIRA, 2011)

A partir do momento que os arquitetos, e também outros profissionais, passarem a ter uma relação mais próxima entre si e entre a sociedade como um todo, maior a chance de sensibilização e valorização do ser humano, o que pode contribuir para projetos e trabalhos mais conscientes e voltados para uma melhor condição de vida.

Já está na hora de perceber que quando se fala em sociedade, fala-se de si mesmo e ao fazer parte desse todo que é a cidade, não tem como estarmos integralmente bem se a grande maioria não o está.

Para sustentar o parágrafo acima outra frase de João Sette Ferreira (2011) que diz que o arquiteto "deve tornar-se um cidadão, um ser político capaz de colocar-se ativamente nas discussões sobre nosso futuro, em especial no que diz respeito ao ambiente construído.".

Além de um direito do arquiteto querer uma cidade e uma arquitetura que se encontre melhor inserida em seu contexto e mais voltada aos usuários do que exclusivamente ao mercado é também seu dever proporcionar isso aos outros cidadãos. Entretanto, isso só acontece, entre outras coisas, a partir do momento que o arquiteto se sente responsável pelo bem estar desses indivíduos, o que pode ser proporcionado por uma maior aproximação entre ambos. As instituições de ensino também exercem influência sobre essa relação do arquiteto com a sociedade, da qual ele pertence, podendo incentivar desde uma formação mais voltada para o mercado, quanto uma formação mais abrangente e reflexiva.

No caso, foram os ensinamentos, relações com outros estudantes e as experiências vividas na universidade que estimularam um interesse pelo tema proposto, e sobre essas experiências, o Escritório 54 (e54) merece uma atenção especial.

ORIGEM/ ENVOLVIMENTO DOS USUÁRIOS

Com as experiências vividas junto ao e54 somando os aprendizados obtidos através dele, surgiu a idéia desse trabalho final de graduação.

Mesmo tendo familiaridade e empatia em relação ao contato com as pessoas, na busca de equilibrar, ou ao menos amenizar, na medida do possível, situações desconfortáveis e injustas decorrentes da desigualdade causada pelo sistema que vivemos, foi a partir do contato com o escritório modelo de arquitetura e urbanismo (EMAU[4]) da UNESP de Bauru que foi possível, conscientemente, aliar de forma mais concreta esse sentimento com a arquitetura.

4 Trata-se de um grupo de estudantes, formado por iniciativa própria, sem fins lucrativos, que atua na sociedade de modo a haver troca de conhecimentos entre estudantes e comunidade, numa relação horizontal, não hierárquica.

A frase abaixo ajuda a entender um pouco os princípios desse escritório modelo, ajudando a entender qual a relação entre o trabalho desse grupo com o bem estar humano.

Troca, urbano, cidade, horizontalidade, atitude, transformação, crescimento, vivência, coletivo, cooperação.
Essas são algumas palavras que traduzem [...] um grupo de arquitetura [...] aberto à interdisciplinaridade, que visa a troca de conhecimentos com a comunidade [...]. O objetivo é tornar a arquitetura acessível a todos e fazer com que a relação criada com o próximo seja conjunta, mas autônoma, dando fruto a conhecimentos que possam ser aperfeiçoados e passados adiante. (ESCRITÓRIO54).

Fig. 15 Construção de uma churrasqueira promovida pelo e54

É possível notar que o objetivo dos EMAUs é transformar uma realidade de forma mútua, enxergando que todos de uma cidade têm condições de contribuir com essa transformação, tanto os especialistas, técnicos, profissionais da área civil e/ou outras áreas, quanto os usuários e frequentadores do lugar a ser transformado, mesmo que não tenham nenhuma formação acadêmica ou sejam especializados em algo.

Considerar a participação da população para criar um projeto significa deixar que eles se expressem de forma mais aberta, o que auxilia na compreensão do que será satisfatório a eles. Essa expressão das pessoas pode se dar de diversas formas, por questionários, conversas formais e informais, desenhos, esculturas, enfim, qualquer meio que seja oportuno à situação. Além de participarem dando idéias, as pessoas também podem colaborar na execução do projeto, quando pertinente, o que pode ser um meio para agilizá-lo e deixá-lo com a marca de cada um. Partindo da explicação de Pedro Arantes (2002) sobre as autoconstruções, ao participar da construção de um

projeto, os integrantes estão produzindo algo para o próprio usufruto, não para terceiros.

Essa aproximação arquiteto/usuário permite que ambos estejam a par de tudo o que acontece, podendo proporcionar um maior interesse por parte deles no projeto e no espaço a ser construído, criando, mesmo que de forma sutil, um sentimento de responsabilidade. Segundo Paula Carvalho Nahas (2009), o êxito nos resultados tem a ver com o "equilíbrio entre a qualidade e a aceitação [...] o que implica em uma redução do controle do projeto". Fazendo um paralelo direto com arquitetura, quando há a participação popular, a aceitação é mais provável, visto que quem utilizará o local está atuando diretamente sobre o projeto, quanto ao arquiteto, cabe a ele, juntamente com a comunidade, filtrar as informações e, como orientador, atingir uma qualidade projetual. Com essa relação, esse profissional deixa de ser o único que controla as perspectivas para o novo espaço.

Outro aspecto importante em que se baseiam os Escritórios Modelos é na transmissão de conhecimento adquiridos na faculdade (no caso dos estudantes), de forma a tornar público informações que todos devem ter acesso, como, por exemplo, informações a respeito de assistência técnica, projetos diferentes, ou mesmo novas tecnologias que possam interessar aos envolvidos. Entretanto, como a transmissão de conhecimento parte de ambos os lados (estudantes e "comunidade"), não só os conhecimentos acadêmicos são passados a frente, aqueles provenientes do trabalho/ profissão das outras pessoas também fazem parte do processo. Isso ajuda a entender que todos são importantes na construção (literal e figurativamente).

Neste sentido, esse conceito é definido como um "saber livre", onde o contato com as pessoas de certo modo gera um saber livre orientado. Esse tipo de relação, na qual há essa troca de saberes, auxilia na evolução de todos que participam do projeto, na qual o aprendizado, entrando em contato com os já existentes, se ampliam dando origem a novas idéias e novos pensamentos.

Com essa atitude de compartilhamento de conhecimentos a idéia de hierarquia é posta de lado, ou pelo menos o sentido negativo que ela traz, de que um sabe mais que o outro, ambos aprendem juntos e o que foi apreendido poderá ser passado adiante, agora não só por uma pessoa, mas por várias. Isso não significa que com um trabalho assim todos os envolvidos se tornarão arquitetos, mas com certeza o aprendizado irá gerar frutos, seja pelo repasse da informação, pela curiosidade de saber mais sobre o assunto ou simplesmente por ter sido aberto mais um caminho do saber.

Uma mudança tem muito mais chance de ser significativa e positiva, quando surge no contexto de um trabalho no qual ambas as partes participam, e quando isso ocorre, deixa de existir um beneficiador e um beneficiado, deixa de existir "lados", todos saem ganhando, todos são

beneficiados e beneficiadores.

Em outras palavras, o que o escritório54 tem como prioridade é a relação com o ser humano ao se realizar algo. É esse o ponto em comum entre o e54 e esse trabalho que, além de perceber a importância da relação com as pessoas, entende a importância da relação do arquiteto também com o espaço.

PERCEBENDO O HOMEM, O ESPAÇO E A RELAÇÃO ENTRE ELES

O ser humano e seu bem estar deveriam ser um dos pontos principais, se não o principal, a ser considerado na elaboração de um projeto arquitetônico e na sua construção, visto que esse é feito diretamente para aquele. Além do fato de que para que a arquitetura cumpra seu papel na sociedade, seja ele funcional, social, ou outro, é necessário que haja interação das pessoas com a mesma, que elas se apropriem e usem seu espaço, para isso, elas precisam se sentir confortáveis e/ou estimuladas. É possível dizer o mesmo em relação às cidades. Para que elas proporcionem qualidade à seus moradores, além de depender de uma boa administração, gestão e organização, depende da consciência das suas necessidades e vontades. Nesse sentido, a participação desses moradores nas tomadas de decisões de planejamento (chamado planejamento participativo), pode contribuir.

Como disse Maristela Moraes (1995), "o homem individualmente, também precisa se apropriar do seu local de trabalho para se sentir conectado a ele e para expressar seus valores pessoais através da suas atividades.". É ai que está o ponto crucial, a partir da observação da relação que o homem cria com o espaço entende-se qual o desejo de um grupo, ou pessoa e seus valores. Ou seja o que interessa não é a arquitetura em si nem só o homem, mas a relação que pode existir entre eles.

Sobre essa questão de conforto e do sentir-se bem podemos nos reportar à topofilia tão abordada por Yi-Fu Tuan (1980).

TOPOFILIA

Existem espaços que para quem os vivenciam, são verdadeiros lugares, no sentido de que as pessoas que usufruem deles têm domínio sobre o mesmo, têm consciência, os conhecem bem. Na verdade, mais do que lugares, esses espaços as pertencem, os usuários se sentem responsáveis por eles.

Tal fato incita algumas questões como: por que determinados projetos (de espaços coletivos) conseguem atrair as pessoas e fazer com que elas não só permaneçam no local, mas que também se preocupem com ele, tornando-o de fato um espaço coletivo ao invés de terra de ninguém?; por que isso pode acontecer com espaços que nem mesmo foram projetados, que surgiram de iniciativas pessoais, ou espaços que num primeiro momento não é nada convidativo?; o que faz as pessoas se atraírem por determinados espaços e outros não?

Para responder a essas perguntas, muitos arquitetos e outros profissionais estudaram e estudam o assunto. O resultado (em constante aperfeiçoamento) são conceitos "bases", "fundamentais".

Algum desse conceitos são:

- *Apripriação*

Ocorre quando os usuários do local sentem-se a vontade para moldar o espaço, intervir nele, a fim de torná-lo mais receptivo. Intrínseco a isso tem o sentimento de responsabilidade pelo lugar.

- *Privacidade*

É o processo de "controle" dos comportamentos, definindo o que é ou não bem aceito pelos frequentadores do local, ou seja, mesmo que não haja placas ou qualquer informação direta sobre essas "condições", o modo como os usuários agem e a própria arquitetura já dá indícios disso.

- *Territorialidade*

É a demarcação simbólica ou concreta de limites de um espaço. Esse conceito está intimamente ligado com o grau de abertura que se tem, dando a entender se é um lugar mais pessoal ou mais coletivo. Tem a ver também com o grau de influência e poder.

- *Identidade*

Sentimento de pertencimento. Ao mesmo tempo em que torna um ser humano único serve como meio de comunicar padrões, permitindo um reconhecimento entre pessoas e entre elas e lugares.

Esses conceitos conseguem dar uma noção do motivo dessa "preferência" das pessoas por determinadas áreas, e, novamente, um interfere e contribui com o outro.

A arquitetura oferece uma contribuição importante na concretização desses conceitos citados acima, o modo como o espaço é planejado acaba passando as intenções projetuais do arquiteto. Isso se dá pelo tipo de material utilizado, os tamanhos e quantidades de acessos, as gradações desses acessos, pelas aberturas, entre outras características construtivas. Muitas vezes as pessoas captam essas "mensagens" de forma inconsciente, mesmo assim, essa informação captada interfere no modo como elas interagem com o espaço.

Relacionando-os com espaços comunitários, que é o espaço de discussão e atuação desse trabalho, quanto mais aberturas, visibilidade e acessos ele tiver (esses são alguns elementos de territorialidade), maior a probabilidade das pessoas se sentirem convidadas a utilizá-lo, o que pode fazer com que aos poucos elas se apropriem cada vez mais, acrescentando elementos/objetos, como plantas, pinturas etc. Essas intervenções contribuem para dar uma identidade pro local, fazendo com que as pessoas se sintam mais a vontade para mais intervenções, além do fato que com essas "marcas" o espaço acaba transmitindo o que é bem vindo ou não, elas passam a funcionar como mensagens. Obviamente que isso só tem chances de acontecer quando quem é realmente responsável pelo local (gestão) permite essas atitudes, entendendo o valor e importância que isso tem para se conseguir um ambiente mais agradável, além de demonstrar confiança com o próximo. Mas esse foi só um exemplo de como as coisas podem acontecer, existem muitas outras formas para que exista a topofilia.

Segundo Hertzberger (1999), "a providência mais elementar para capacitar as pessoas a se apossarem de seu ambiente é provavelmente o assento. Sentar-se tem tudo a ver, linguisticamente com assentamento.". Um aspecto importante a ser levado em consideração é que espaços que ofereçam multiplicidades de usos, mesmo os que não primordialmente pensados, como, por exemplo, um muro baixo a princípio existente para delimitar um espaço, mas que possa servir como assento, faz com que os usuários criem um sentimento maior de identidade, pois eles escolhem como usar os equipamentos e acessórios e sentem-se livres.

> A estrutura formal é o coletivo, enquanto a maneira como pode ser interpretada e apropriada representa as necessidades individuais, permitindo que um espaço com alto grau de interpretação possa reconciliar individual e coletivo. (HERTZBEGER, 1999)

Por trás de todos esses conceitos mencionados há um fator muito importante que é a cultura, a criação e o modo de vida de cada ser. Segundo Tuan (1980) "Para compreender a preferência de um grupo, é necessário conhecer a história, a cultura e as experiências do grupo no contato do seu ambiente físico". Ou seja, por mais que existam os termos técnicos citados acima, há a subjetividade de cada um de nós ao interpretarmos os espaços.

Com essas informações, logo notamos porque determinadas iniciativas funcionam em determinadas áreas e em outras não. Um exemplo que podemos dar disso são os equipamentos de ginástica instalados na cidade de Bauru. De modo geral eles são muito bem aceitos pela comunidade, mas em um bairro em específico (Vila Nova Esperança) eles tiveram que ser reformados ou substituídos algumas vezes, pois viviam aparecendo danificados pelos usuários.

Cada lugar, com seus moradores, possuem um estilo de vida, um tipo de comportamento, uma educação, uma cultura. O meio interfere no comportamento das pessoas e as pessoas interferem no meio e é exatamente por essa individualidade de cada espaço que cada indivíduo ou grupo possuem valores e vontades específicos, característicos. Por isso, arquitetos não podem generalizar estratégias e soluções e é por essa questão também que se faz tão importante o relacionamento com a população ao se realizar um projeto.

Ao considerar tudo isso, percebe-se que os ambientes em que as pessoas se sentem confortáveis, são mais do que simples ambientes que suprem uma carência básica, eles suprem também, cada um com suas especificidades, os desejos dos usuários.

Eles têm atendidas suas necessidades e vontades, prazeres, tornando mais agradável (além de só funcional) permanecer nesse espaço, dessa forma não há apenas a presença humana no espaço, mas também a interação do homem com o ambiente construído, além da interação entre os homens.

> a arquitetura é uma continuação do esforço humano para aumentar o conhecimento através da criação de um mundo tangível que articula as experiências, tanto as sentidas profundamente quanto as que podem ser verbalizadas (individual ou coletivamente). (TUAN, 1980).

Entretanto, não basta apenas averiguar as necessidades e os desejos, é preciso ter conhecimento de materiais disponíveis, para que haja um melhor aproveitamento de recursos, além de estimular o comércio e serviço local, sem contar as inúmeras outras variáveis que devem ser

levadas em consideração.

Quando uma pessoa tem um contato maior com os espaços da cidade e com seus moradores, maior a chance dela expandir seus conhecimentos sobre a situação que ambos se encontram, e maior também a chance dela desenvolver um sentimento de empatia pelo próximo. Esse contato pode partir por iniciativa exclusiva do cidadão, entretanto, quando a cidade contribui para tal, é como se houvesse um convite aberto a todos, o que significa que facilita o interesse de um maior número de pessoas em "desvendar" ou "vivenciar" sua própria cidade.

VIVÊNCIA

Se realmente for de interesse do arquiteto entender as pessoas de um determinado local para se conseguir fazer um projeto que seja relevante à ele e à elas, é imprescindível entender o cotidiano delas. Uma das formas de conseguir isso é através da vivência, que é um processo psicológico consciente no qual o indivíduo adota uma posição que não é apenas passiva e emocional, mas que também inclui uma participação intelectual ativa, adquirido conhecimento com o processo de viver ou vivenciar uma situação ou de realizar alguma coisa. Nota-se que nessa ação não há separação entre o intelecto e a emoção, pelo contrário, ambos se complementam.

O livro Quando a rua vira casa de Carlos Nelson Ferreira, Arno Vogel e Marco Antonio da Silva Mello (1985) abordam essa postura mostrando sua importância, pois através da vivência é possível observar algumas situações e características que ou passaram despercebidas ou deveriam receber mais atenção do que se imaginava. Para isso é importante ficar claro que não basta ir apenas uma vez ao local, é preciso visitá-lo várias vezes, em diversas ocasiões, como nos fins de semana, dia de semana, no período da manhã, tarde, noite e, por que não, de madrugada, assim as condições de se ter uma idéia mais fiel da dinâmica do local aumentam à medida que se realiza mais visitas.

Relatando os fatos observados, considerando que quanto mais meios utilizados para isso, mais rico o acervo e as informações, tem-se um importante material para uma reflexão pós visita, além de contar com as lembranças do local, as sensações que ele foi capaz de suscitar, etc. O espaço por si só, sua topografia, as atividades que nele ocorrem, já é muito inspirador e pode indicar diretrizes para o arquiteto pensar o projeto, tudo através de leituras espaciais (observação direta e sistemática, entrevistas informais, registros de dados, percepção subjetiva).

Segundo Santos & Filho (apud Maristela Moraes de Almeida, 1995) não é possível separar o ser humano, o planeta e a produção, tudo está interligado na "vida real" e os projetos existirão

nessa esfera, não considerar isso é como fazer um projeto alienado. Para ficar mais claro, pode-se pensar, simplificadamente, que o projeto é o produto (produção) que está inserido no meio (planeta) e é feito para as pessoas (ser humano) que vivem, no sentido mais amplo da palavra, no espaço/arquitetura que é o produto, mas também componente do espaço, e assim por diante.

"Perceber que a existência é dotada de várias dimensões interligadas que fazem com que o homem não seja seccionado sem o prejuízo do todo, significa o primeiro passo para o rompimento com antigos paradigmas" (Maristela Moraes de Almeida, 1995).

A cidade é um sistema complexo e não se consegue entende-la integralmente considerando apenas partes.

Muitos arquitetos pensam em atingir um projeto com qualidade, mas só se atinge uma verdadeira qualidade quando busca-se a qualidade de vida como um todo e para isso é preciso entender em primeiro lugar o que seria qualidade de vida para determinado grupo, em segundo lugar o que falta para se atingir essa qualidade e, por fim, como solucionar essa carência. É por isso que a vivência é tão importante, porque permite uma aproximação, formal e informal, com as pessoas e o espaço.

É importante ressaltar que a vivência não se limita à "pequenas" áreas, ela pode ser realizada por vários caminhos e intervalos da cidade, de forma contínua, como ocorre quando caminhamos. Como disse Marina Barros Amaral 2007) em sua dissertação "a cidade é desenhada e vivenciada exatamente nos espaços onde se encontram o público e o privado, e principalmente onde são estabelecidas as relações entre eles, onde a vida pública encontra a riqueza dos dois mundos.". E "o passeio a pé alia a objetividade do deslocamento com partida e destino estabelecidos a uma possibilidade e mudança de percurso, com aleatoriedade e eventualidade". Esses dois últimos fatos ocorrem quando se está atento e aberto ao que a cidade tem a oferecer, proporcionando um conhecimento natural e espontâneo dela. Ao propor espaços que mexam com a percepção das pessoas, aumentamos a chance delas prestarem mais atenção à sua volta e descobrirem novas formas de ocupar o espaço.

Outro exercício, que tem suas familiaridades com a vivência é a deriva, mas essa é mais despreocupada, ou melhor, mais espontânea, livre, permitindo, segundo Rheingantz (2007), um passeio despretensioso, a fim de conhecer de verdade o espaço, deixando-se sentir as sensações que ele provoca, sabendo percebê-lo.

Ao estar aberto a receber dos espaços suas informações mais sutis, permiti-se que a imaginação flua e consiga chegar em soluções criativas e inovadoras. Essa sensibilização diante

do espaço pode ser trabalhada através do devaneio. Com esse método é possível exercitar a fantasia dentro da arquitetura, seu aspecto mais lúdico, subjetivo. Através do devaneio, projeta-se mentalmente o que poderia existir no espaço a ser trabalhado, mas essa é uma idealização mobilizada, despertada pelo próprio meio físico, não metafísico, mais precisamente pelas sensações e emoções que o espaço proporciona e que atinge nosso inconsciente, e, provavelmente, nossa essência, fazendo surgir desejos e vontades para o lugar. Esse despertar pode servir como suporte, partido do projeto. Assim, aprofundaríamos nossa relação com o mundo, fugindo um pouco da alienação e mecanização da vida moderna.

O ato de vivenciar, prestar atenção e se entregar à cidade é muito útil para o arquiteto, mas também o é para qualquer outro morador da cidade, entretanto, para que isso ocorra de forma espontânea seria interessante despertar nesses moradores a vontade de percorrer a cidade, e uma opção relevante para isso é projetar lugares que instiguem a curiosidade, com uma arquitetura que exercite, explore e potencialize os nossos sentidos, deixando não só a arquitetura mais viva, como quem passa por ela também. As intervenções urbanas auxiliam nessa proposta de chamar a atenção das pessoas.

Fig. 16 Grafite próximo à NOB, estação abandonada no centro da Bauru - Foto: Gabriela G. Franco

Fig. 17 Academia ao ar livre na Av. Luiz Eduardo Coube
Fonte: http://www.bauru.sp.gov.br/Materia.aspx?idnews=3766

Considerar as ações mencionadas acima ao projetar possibilita ter em mãos ferramentas importantes para uma boa arquitetura, boa no sentido de satisfazer as necessidades locais, contribuir com a vida à sua volta e em seu interior e extrapolar a esfera técnica, atribuindo criatividade e

sentimento ao resultado e fazendo com que esse também mexa com as sensações de quem o utiliza.

É preciso dar mais atenção às relações humanas na arquitetura e potencializar a contribuição que essa pode oferecer aos relacionamentos sociais. Um projeto que considere o entorno, a realidade e quem convive no local, ou seja, um projeto que prima pela relação, está mais propenso a se aproximar da satisfação e qualidade de vida das pessoas e, consequentemente, da qualidade da cidade como um todo, do que um projeto que não tenha isso como base.

IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA PARA AS RELAÇÕES HUMANAS

Os contornos da arquitetura como edificação, espaço construído, dão forma aos espaços das cidades e esses contornos e os espaços interferem e compõem a paisagem, portanto mesmo que o arquiteto considere o urbanismo, o paisagismo e a arquitetura coisas distintas, eles são, realmente indissociáveis.

As cidade fazem com que diferentes tipos de pessoas e grupos sejam mesclados e possibilita também a existência de uma diversidade de atividades. Isso acontece naturalmente, faz parte da sua essência, entretanto, cabe aos arquitetos proporcionar qualidade à esse fato.

O espaço abordado aqui, coletivo, no sentido de poder ser usado e acessível às pessoas de forma geral é uma das ferramentas importantes para tentar propiciar essa qualidade urbana, pois além dele poder oferecer o contato entre os diferentes grupos da cidade, ele pode dar suporte ao descanso, ao lazer. Além de poder comportar atividades diversas, dependendo do projeto.

Um exemplo que podemos dar é o Parque Vitória Régia, do arquiteto Jurandir Bueno, que fica em Bauru, São Paulo. Além de ser uma área verde em uma das vias mais movimentadas da cidade, as pessoas se relacionam de diferentes maneiras com ele, seja para usá-lo como pista de caminha e corrida, seja para área de exposições, feiras, piqueniques, aulas e treinos de malabares, enfim, essas diferentes atribuições dadas pelas pessoas mostra como se torna rico lugares que "abrigam" a variedade. Entretanto, há uma atividade que ocorre no parque que talvez mereça uma atenção especial. Por sua dimensão e localização, o parque se torna, vez ou outra, literalmente palco de shows desde pequenas até grandes bandas. Esses shows, muitas vezes marcados em dias estratégicos, ou seja, dias em que grande parte da população poderá estar presente, permitem estar lado a lado pessoas de diferentes gostos e classes sociais, essa mistura com certeza contribui para

que haja mais respeito em relação ao próximo e, mesmo que inconsciente transmite a sensação de que, apesar de todas as diferenças, algo em comum os reuniu naquele lugar.

Esse exemplo mostra como a arquitetura permite surtir efeitos positivos em uma cidade.

EFEITOS EM POTENCIAL

Vive-se no espaço, as moradias, os percursos que se faz para chegar aos destinos (casas de amigos, mercados, parques, trabalho) e os próprios destinos são espaços, trabalhados de diferentes maneiras, com diferentes recursos e diferentes princípios. Como a arquitetura trabalha com espaços, inevitavelmente ela produz alguma interferência em nossas vidas, o que não quer dizer que o arquiteto tenha total controle sobre essa interferência, pois esse efeito da arquitetura independe da vontade desse profissional, ele depende da relação que as pessoas têm com o espaço, no caso, com o espaço planejado (arquitetura).

> [...] sempre haverá um certo número de projetos cujo objetivo é modificar situações opressivas, atenuá-las, ou mesmo mudá-las. Entretanto, nenhum desses projetos pode, por sua própria natureza, garantir que a liberdade será conquistada por um projeto em si. A liberdade dos homens não é jamais assegurada pelas instituições ou pelas leis que pretendem garanti-las. É por essa Razão que quase todas as leis e instituições podem ser subvertidas. Não porque sejam ambíguas, mas simplesmente porque a liberdade é aquilo que deve ser praticado. (FOUCAULT, 1993, p.139).

Na frase, Foucault se refere à liberdade, mas podemos atribuir essa idéia, de que o objetivo a ser atingido depende da prática das pessoas, a outras situações, como a busca pela igualdade, maiores relações entre as pessoas (como é o caso desse TFG) etc.

Segundo Vinícios Netto (2006), o arquiteto tem um mínimo de entendimento de causa e efeito, entretanto é preciso cuidar para não cair em interpretações lineares, pois tudo se estabelece a partir de ligações complexas. “A morte da interpretação é crer que há símbolos que existem primariamente, realmente como marcas coerentes, pertinentes e sistemáticas. A vida da interpretação, pelo contrário, é o crer que não há mais do que interpretação.” (FOUCAULT apud NETTO, 2006).

Essa frase mostra que mesmo tendo um conhecimento de símbolos e significados, os arquitetos não podem achar que as interpretações são programadas. O fato de se projetar algo com uma intenção não significa que todos que passarem pelo espaço projetado se comportarão ou se sentirão como o planejado pelo arquiteto. O ser humano, por natureza é espacial, funcional, racional e simbólico, portanto inevitavelmente faz associações com o que já conhece, entretanto, embora haja alguns consensos "coletivos", cada associação é pessoal, pois cada pessoa tem uma história de vida, uma bagagem diferente das outras pessoas, e esse tipo de informação advinda da formação, criação e vivência, influenciam de forma considerável no modo como cada um interpreta o espaço. Além disso, ao invés de somente se ater a símbolos pré concebidos, o arquiteto tem que aproveitar seus conhecimentos para criar projetos "não clichês", trabalhando, a percepção das pessoas de uma maneira diferente, utilizando recursos da arquitetura, como iluminação, ventilação, arborização, para fazer com que a pessoa sinta o espaço e não somente veja-o e, por conveniência e costume, "entenda-o" a partir dessa informação mais direta e formatada.

Retomando a afirmação de Vinicios Netto (2006), um exemplo de interpretação linear são as "soluções imediatas" que se tem dado para problemas urbanos. Muitas vezes essas "soluções" acabam por agravar ainda mais o problema, passando apenas uma falsa imagem de que tudo está bem. Basta pegar o tema segurança. Para tentar aumentá-la passou-se a construir os condomínios fechados, com enormes muros, criando uma verdadeira cisão entre quem está dentro dele e quem está fora, isso dá uma forte sensação de exclusão e injustiça (como tal pessoa pode ter isso e eu não?) o que, entre outros fatores, acaba contribuindo para novos casos de violência. Nesse caso, não houve uma tentativa de acabar com o problema e sim de tentar se proteger dele, o que causou uma situação onde essa proteção tem que ser cada vez maior, pois ela agrava o problema.

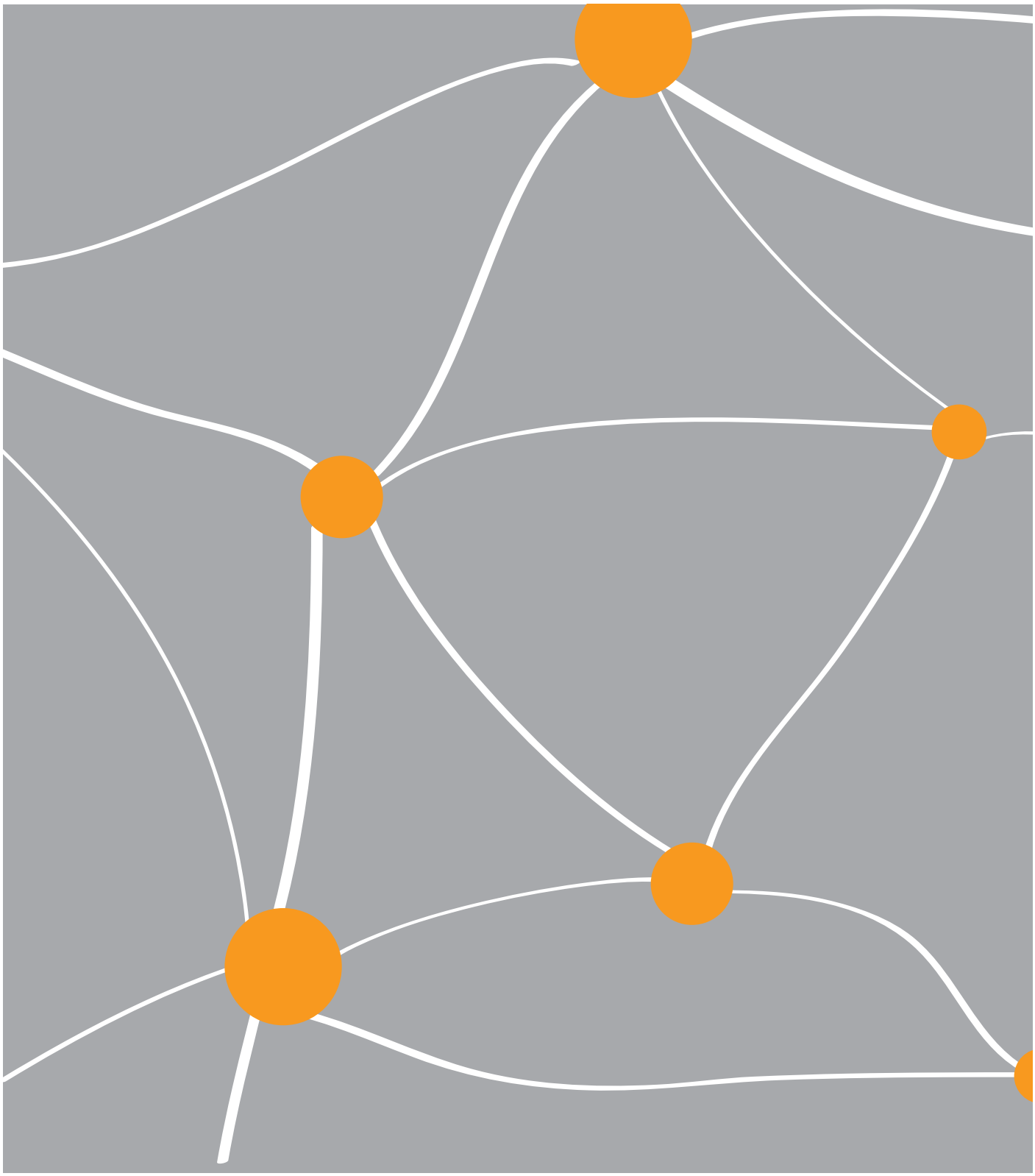
Concordando com Vinicius Netto, o primeiro impacto causado pela arquitetura é o visual/psicológico, mas não pode-se resumi-lo a só isso. A arquitetura pode servir como subsídio para nossas ações e interações. Por exemplo, prever espaços onde haja uma diversidade de serviços e atividades próximos uns dos outros e perto de áreas residenciais pode contribui para um maior envolvimento humano.

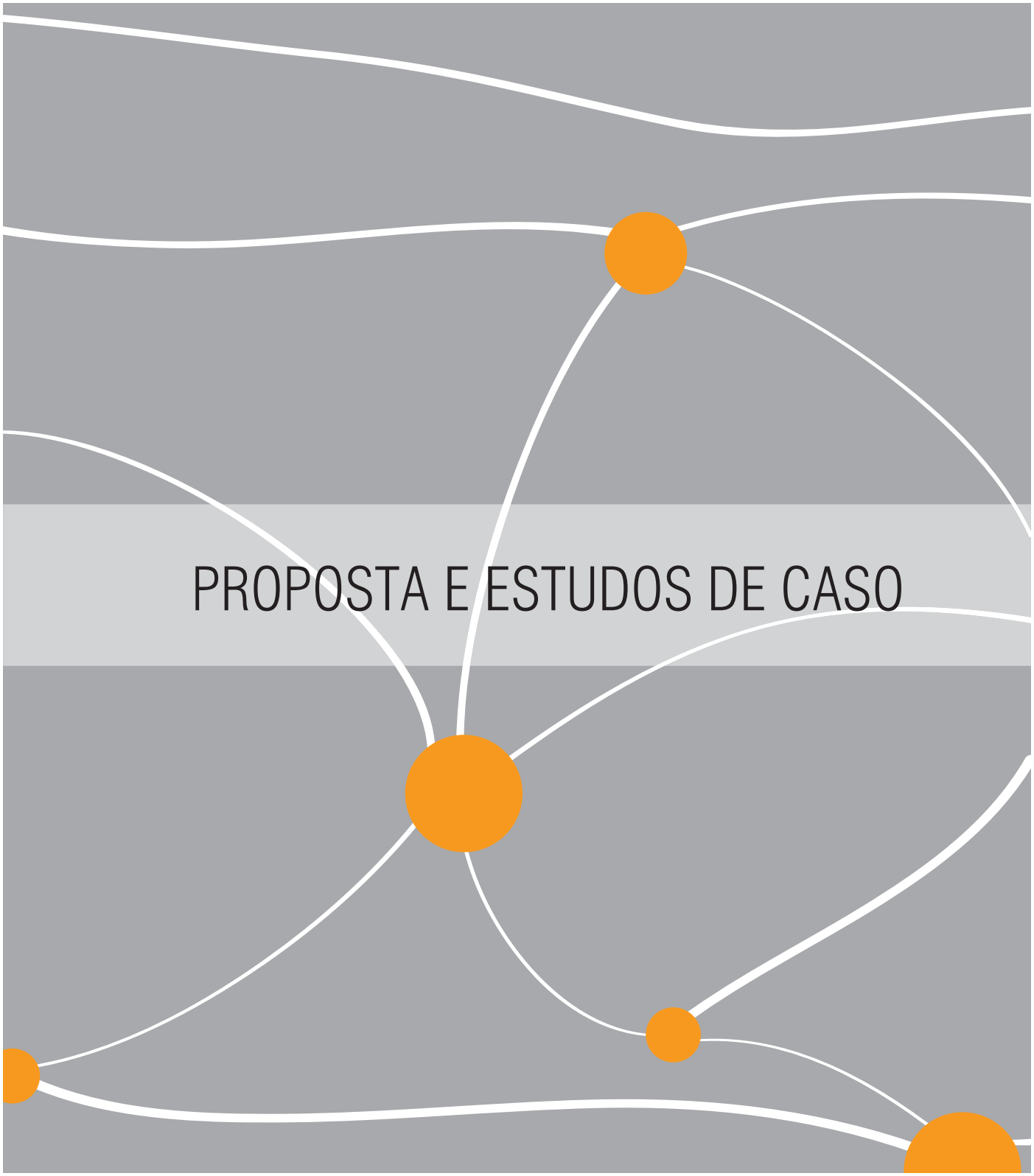
"Quando em um raio de 5 minutos a pé encontramos serviços variados (atividades de pequena escala) que favorecem o pequeno empresário, a relação pessoalizada com os clientes e uma idéia de vizinhança", estamos contribuindo, possivelmente, para um maior uso da rua e consequentemente uma melhor qualidade de vida urbana (NETTO,2006). Ou quando há um projeto de edificação abrigando várias atividades, o que facilita a vida dos cidadãos, ainda mais quando o térreo é destinado a uso público, o que aumenta a probabilidade de pessoas circulando não só pelo

local, mas pelas ruas, possibilitando uma maior interatividade entre elas, ou, no mínimo, um maior conforto e sensação de segurança ao andar por essas ruas.

A sobreposição de atividades costuma estar associada a uma intensificação do uso do espaço.

Entretanto, fazer dessas situações uma regra pode ser um passo para cometer uma grande falha. Ter térreos destinados ao comércio tem seus benefícios, mas não quando isso exclui a possibilidade da existência de moradias nessa condição, o que possibilita um maior contato entre os moradores. Em outras palavras, podemos dizer que a riqueza e qualidade de um espaço estão na diversidade e multiplicidade de usos.





PROPOSTA E ESTUDOS DE CASO

PROPOSTA METODOLÓGICA

Para simplificar os conteúdos desse trabalho e na tentativa de viabilizar as aplicações deles na prática foi elaborada uma metodologia na qual haja uma flexibilidade do método, possibilitando que as atividades e estudos desenvolvidos possam se adequar ao contexto, ou seja, trata-se de uma metodologia flexível que se enquadre a cada situação, a cada novo projeto, mas que com ela possa ser mantido sempre uma essência, uma base fundamental.

As "etapas" dessa metodologia não necessariamente devem acontecer seguindo a ordem mostrada a seguir, além do fato que elas podem ocorrer simultaneamente.

DEFINIÇÃO ESPACIAL

Escolha do local de atuação ou ser escolhido para atuar em algum lugar. Aqui pode acontecer de uma pessoa, grupo, instituto, enfim, do "arquiteto" procurar por um projeto, seja por concursos, projetos particulares etc, de ser procurado para elaborar um projeto, ou de propor uma idéia para um espaço que tenha chamado sua atenção ou o incomodado.

ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Observação da relação das pessoas com o espaço, tentando, nesse primeiro momento, interferir o menos possível no cotidiano e nessa relação, ou seja, ser um observador da situação. Essa seria, talvez, uma maneira de tentar entender como as coisas se dão "naturalmente" no espaço em questão. Utilizando um trecho do trabalho de Paulo Rheingantz junto com Denise de Alcantara (2007), "na reflexão fenomenológica as origens da cognição partem do pressuposto da circularidade, indissociabilidade e continuidade entre mundo e sujeito.".

RECURSOS

Levantamento de materiais disponíveis para se realizar o projeto, tentando atentar-se aos recursos encontrados próximos ao local de atuação, como forma de estimular o comércio local. É importante tentar definir também qual a técnica construtiva que será adotada, procurando utilizar a mão de obra local, dessa forma, quem trabalhar no projeto poderá usufruir dele.

PROJETO

Elaboração do projeto.

EXECUÇÃO

Execução da construção do projeto.

Esses processos podem ser utilizados em qualquer tipo de trabalho arquitetônico, residências, empresas, escolas, mercados, etc, mas se for um projeto com uma escala reduzida, no qual se perceba que a relação com as pessoas pode se dar sem problemas, podemos somar mais duas etapas:

CONTATO

Envolvimento com usuários/ futuro usuários do local (investigar o que sentem, suas necessidades, o que gostariam no local, como gostariam).

Se possível realizar atividades conjuntamente com eles, podendo ser realizado desenhos, esculturas etc, para extrair, de um modo subjetivo, mas direto, idéias projetuais.

Essa etapa é necessária para entender mais as pessoas do que o espaço em si, levando suas idéias em consideração, entretanto, o arquiteto deve saber ponderar essas informações e não deixar que o projeto vire apenas uma "soma de idéias".

CAPACITAÇÃO

Mostra de referências, sejam elas de projetos ou de tecnologia, sistemas construtivos, que possam inspirar os usuários, incentivando a participação deles com idéias. Isso pode se dar através de mini apresentações. Com isso dá-se aos envolvidos uma contribuição para entender e perceber melhor os espaços construídos, além de aproximá-los mais da arquitetura.

Com essa metodologia pretende-se um maior contato do arquiteto com as pessoas usuárias do espaço a ser transformado, assim como passar a elas informações e conhecimentos que, dependendo do caso, podem auxiliá-las a uma emancipação. Pressupõe-se que com esse tipo de trabalho os usuários sintam-se mais a vontade para dar opiniões e mesmo trabalhar diretamente na construção e elaboração do projeto.

ESTUDO DE CASO

Para entender e exemplificar que é possível um trabalho com um contato mais pessoal com a população serão exposto duas ações realizadas pelo motivador desse trabalho, o e54. Poderiam ser mostrados projetos de outros escritórios ou arquitetos mais conhecidos (e que fazem parte do mercado), entretanto, pelo fato de haver uma aproximação e familiarização maior com o escritório 54 será possível entrar em maiores detalhes, embasando melhor críticas e opiniões e se fazendo entender cada parte do processo.

PROJETO BANCO APIECE

Fig. 18 e54, Gisele, Fernanda e Norma reunidos junto ao banco construído na APIECE
Fonte: Arquivo pessoal

O trabalho consistiu na construção de um banco de cob[5] com e para os estudantes da APIECE (Associação de Pais para Integração Escolar de Crianças Especiais).

5 Técnica construtiva cuja matéria prima principal é o barro argiloso adicionado de palha e um pouco de água, o segredo de um bom COB está no trabalhar o barro, que deve ser pisado de forma quase rítmica até se chegar ao ponto, ou liga, desejada. A esta matéria prima podem ser atribuídas inúmeras possibilidades de formas.

LOCALIZAÇÃO

A escola APIECE localiza-se na rua Zéphilo Grizoni, Jardim Petrópolis em Bauru, São Paulo.

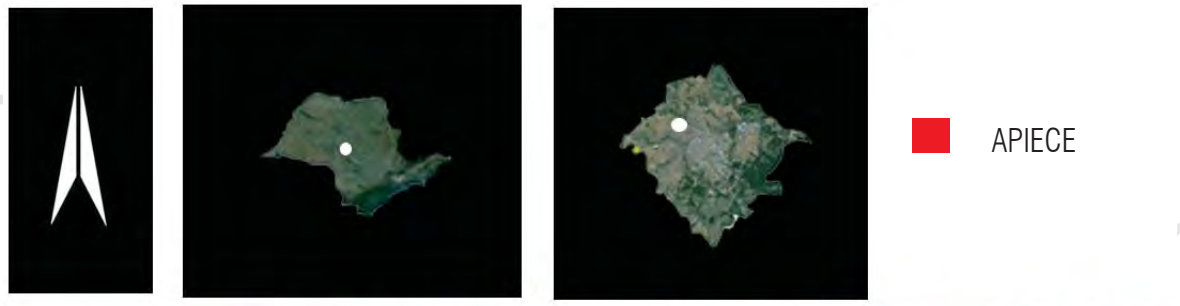


Fig. 19 Mapa de localização da APIECE
Fonte: Arquivo pessoal

INFORMAÇÕES SOBRE A ÁREA

A APIECE é uma escola voltada ao ensino para pessoas, da mais variada faixa etária, portadoras de necessidades especiais, de diferentes tipos, dando suporte e auxílio para elas e seus responsáveis, com o objetivo de inserí-las no meio social.

Fig. 20 Esquema da escola: 1 refeitório/ auditório/ diretoria; 2 salas de aula/ sanitários; 3 sala da apoio; 4 quadra poliesportiva; 5 Jardim Sensorial; 6 área de intervenção.
Fonte: Arquivo pessoal

CONTATO

Nesse projeto, a partir da professora Ana Paula, de arquitetura da UNESP – Bauru, entrou-se em contato com a professora Fernanda da APIECE que tinha em mente confeccionar um banco para os estudantes da escola.

Foi feita uma visita ao local e constatado que próximo a área destinada ao banco havia um jardim sensorial. Considerando isso, o pessoal do e54 pensou em fazer um trabalho que englobasse esse conceito, ou seja, um banco que mexesse com a percepção das crianças. Pesquisas sobre jardins sensoriais e o contato com estudantes de psicologia da UNESP – Bauru, fizeram parte do processo de estudo tanto de projeto quanto de abordagem aos estudantes.

Fig. 21 Fotos da área do banco e da área externa da APIECE
Fonte: Arquivo pessoal

Definido o partido, foi feita a escolha do material a ser utilizado na confecção do objeto e optou-se pelo cob, por ser um material maleável, barato, fácil de encontrar os componentes, de preparar e que não agrede a pele, o que contribuiria não só para uma maior liberdade de formas como com a possibilidade dos estudantes poderem participar da construção. Como orientadores da técnica, o grupo recorreu ao grupo Espiralando (que trabalha com esse método construtivo).

Para iniciar uma integração com o pessoal da APIECE, foi feita uma apresentação dos integrantes do grupo e uma atividade que consistia em confeccionar uma caixa "baú", onde seriam guardados os objetos de argila, feitos pelos próprios alunos. Dessa forma, já começaria uma familiarização por parte deles com o material a ser usado posteriormente para o banco, e seria possível perceber a reação que eles teriam diante do mesmo. Essa atividade ajudou a promover uma aproximação entre o e54 e os estudantes da APIECE. A caixa serviria para passar a idéia de que o que fosse guardado seria algo precioso, que precisaria ser cuidado, assim como o banco.

A forma do banco foi baseada nas formas que mais foram feitas pelas crianças, bolinhas, pensando também em fazê-las descobri-lo, devido às várias possibilidades de sentar/ deitar que ele permitiria. Mesmo podendo deixar o banco de cob na cor natural, decidimos por colori-lo, a fim de mexer ainda mais com a percepção visual das pessoas.

Fig. 22 Fotos do processo de interação com os estudantes
Fonte: Arquivo pessoal

PROJETO

O projeto era composto por assentos arredondados de diversos tamanhos, volumes e alturas, conectados entre si, proporcionando uma forma sinuosa e interativa, podendo ser utilizada por mais de um estudante ao mesmo tempo.

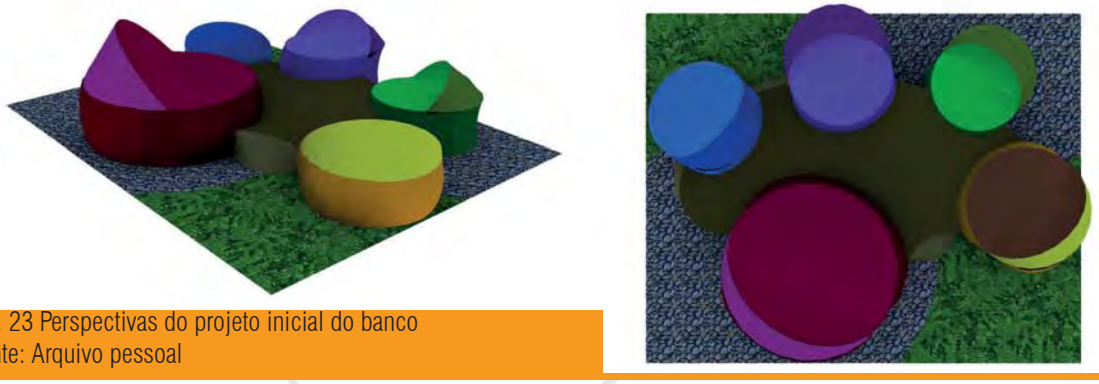


Fig. 23 Perspectivas do projeto inicial do banco
Fonte: Arquivo pessoal

PROCESSO CONSTRUTIVO

Para dar início à construção foi feita uma breve apresentação para a coordenação e professores da escola, mostrando os métodos e materiais a serem usados na mesma. Depois de tudo combinado, em um fim de semana, junto com a professora Fernanda, o grupo deu início à fundação do banco, feita com corpos de provas (doado por uma empresa de Bauru) e cimento. Devido a certos cuidados necessários para mexer com esse material, ficou combinado de nessa etapa não haver a participação dos alunos, entretanto, a fundação foi deixada a mostra para explicar e mostrar a eles o procedimento feito. Todas as etapas foram precedidas de explicações e demonstrações, às vezes feitas por alunos voluntários, juntamente com alguém da equipe, tudo para facilitar o aprendizado e assimilação dos participantes, a diferença é que nas etapas posteriores à da fundação, todos participaram do processo.

Terminada essa primeira parte foi ensinado como fazer o COB e mesmo com certa timidez no início, todos, aos poucos, foram se soltando e participando.

O banco aos poucos foi tomando forma, mas sem a pretensão de realizar algo totalmente igual ao projeto inicial, o que resultou em um mobiliário mais interessante.

Para protege-lo das intempéries ele foi coberto com uma camada de calfitice[6] e depois pintado.

A experiência/ construção extrapolou a expectativa do grupo, não só pelo aumento dos conhecimentos sobre a técnica utilizada, que foi aprofundado mantendo contato com o grupo espiralando; ou pelo resultado obtido, que muito agradou, mas também pelo próprio contado com os estudantes, proporcionando uma relação de confiança e carinho, além de momentos emocionantes. Esses conhecimentos e sensações são um estímulo para realizar mais trabalhos com essa metodologia. Ele ensina a sermos arquitetos, cidadãos e principalmente humanos!

6 O próprio nome explica a técnica: Cal + Fibras + Tierra + Cemento (em espanhol). No calfitice a mistura é em forma de pasta e a fibra é o elemento que evita a trinca.

DENTISTA

PROJETO PRAÇA PARQUE REAL

Essa atuação consistiu em um projeto de uma praça (parte de um parque) em uma área de risco, da qual foi removida uma favela. Tal projeto serviria para evitar novas invasões, além de proporcionar aos moradores próximos um espaço coletivo.

LOCALIZAÇÃO

O projeto foi feito no bairro Parque Real, na região oeste de Bauru, São Paulo.

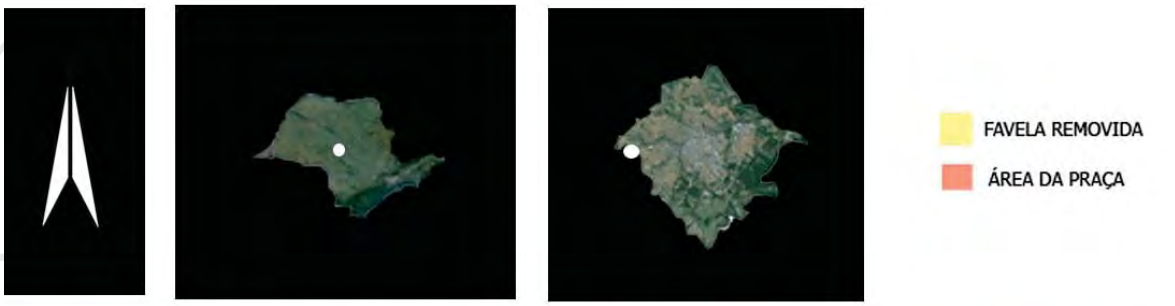


Fig. 25 Mapa de localização da APIECE
Fonte: Arquivo pessoal

Ele se encontra em meio a áreas de preservação permanente, o que proporciona uma bela paisagem a ser admirada e preservada. No lugar da favela removida pretende-se construir um parque, mas como não há recursos suficiente para implementá-lo de uma vez, a prefeitura optou por realizá-lo por etapas, e a primeira começa com a construção de uma praça.

Nas definições existentes no Plano Diretor Participativo de Bauru a área se enquadra como Zona de consolidação, Zona de Interesse Ambiental, Área de Proteção Permanente do Rio Batalha e favelas a remover. Há outras especificações, mas essas são as mais pertinentes ao trabalho.

LEGISLAÇÃO (Plano Diretor de Bauru, 2008)

Art.27 - A Zona em Consolidação é caracterizada pela acessibilidade deficitária, baixa densidade de ocupação, deficiência de infra–estrutura, em especial sistema de drenagem e pavimentação, carência de equipamentos sociais, baixo investimento da iniciativa privada, presença de processos erosivos avançados e córregos assoreados, predominância de habitações populares, autoconstrução, concentração de população de baixa renda e ocupações irregulares.

§ 1º - São diretrizes para o desenvolvimento equilibrado da Zona em Consolidação:

I - investimento no sistema viário de acesso aos bairros;

II - prioridade nos investimentos em infra–estrutura e equipamentos públicos;

III - promover a descentralização das atividades urbanas, disseminando bens e serviços a fim de incentivar a instalação de atividades de comércio e serviços capazes de assegurar maior autonomia aos bairros, sua vitalidade econômica e geração de emprego e renda;

IV - urbanização e qualificação dos espaços públicos destinados às atividades de lazer e recreação;

V - contenção dos processos erosivos;

VI - controle da permeabilidade;

VII - implantação de programas habitacionais de interesse social e regularização fundiária;

VIII - utilização de operação urbana consorciada ou consórcio municipal;

IX - utilização da transferência do direito de construir.

Art.36- Áreas de Interesse Ambiental é caracterizada por ocorrências ambientais isoladas, tais como remanescentes de vegetação, fundos de vale e paisagens naturais notáveis, áreas de proteção de mananciais, ocupações irregulares, processos erosivos.

Parágrafo Único - São diretrizes para o desenvolvimento equilibrado das Áreas de Interesse Ambiental:

I - programas de preservação e recuperação ambiental;

II - programas específicos para remoção das favelas situadas em APP e áreas de risco;

III - desenvolvimento dos projetos e implantação dos parques lineares de fundo de vale, com atividades de recreação e lazer, e serviços públicos, podendo ser utilizada a operação urbana consorciada;

IV - implantação das barragens de contenção de águas pluviais;

V - rigorosa fiscalização inibindo a ocupação e degradação das áreas;

VI - desenvolvimento de ações específicas com relação à ocupação irregular visando à preservação.

Art.82- As favelas abaixo relacionadas deverão ser removidas por estarem em áreas de risco, destinadas à área verde, área de preservação permanente ou área de previsão de inundação por represa de contenção de águas pluviais:

e - Parque Real: uma área destinada a Praça no loteamento denominado Parque Real, cadastrada na Prefeitura Municipal de Bauru como 05–3068–01 e 05–3064–01;

Art.84 - Os programas de remoção de favelas localizadas em Áreas de Preservação Permanente deverão ser priorizados e, após a desocupação estas áreas deverão receber tratamento adequado e sofrer fiscalização rigorosa para que não sejam novamente ocupadas.

Da mobilização popular

Art.261 - A mobilização popular constitui estratégia de gestão democrática do Plano Diretor Participativo e terá como diretriz assegurar aos munícipes oportunidade de participação e organização, buscando conquistas e ampliando o atendimento da Política Pública.

Art.262 - A Política de Mobilização Popular, será compromissada com o desenvolvimento social, devendo:

I - criar e implementar a educação técnica comunitária, buscando parcerias com as entidades de ensino e pesquisa;

II - fomentar as iniciativas populares, seu fortalecimento e sua organização;

III - viabilizar a garantia da qualidade de vida;

IV – efetivar a participação na gestão pública vivência democrática na cidade.

Art.263 - Constituem estratégias de mobilização popular:

V – desenvolver projetos e programas que envolvam a comunidade na realização de obras de qualificação dos bairros, buscando novas tecnologias em parceria com instituições de pesquisa;

CONTATO

O contato para se fazer o trabalho foi feito através da arquiteta da Secretaria Municipal de Planejamento da prefeitura de Bauru e professora da UNESP – Bauru Maria Helena Regitano. Em uma reunião com o e54 ela expôs alguns lugares onde o grupo poderia atuar e, analisando as situações e graus de importâncias, a praça para o Parque Real foi escolhida.

Já havia ocorrido uma primeira conversa com os moradores do local para saber de suas intenções para a futura praça, mas esse primeiro projeto foi feito por outra pessoa, entretanto, ele não pode ser realizado.

Fig. 26 Reunião com moradores do Pq. Real (8/10/10)
Fonte: Secretaria de Planejamento (SePlan - Bauru)

Fig. 27 Reunião com moradores do Pq. Real (
Fonte: SePlan - Bauru

Mesmo com o e54 insistindo em ter um encontro com os moradores do local para tirar diretrizes, foram utilizadas as informações recolhidas anteriormente no primeiro trabalho, pois Maria Helena e Natasha (também arquiteta da prefeitura) mostraram que, por respeito aos moradores, seria melhor não convocar outra reunião, visto que eles já estavam ansiosos por um produto, algo concreto. Houve uma visita ao local, antes de iniciar o segundo projeto, guiada pelo líder do bairro, "seu" Inácio. Com ele foi possível obter algumas informações diretas sobre o que o pessoal costumava fazer ali por perto, mais ou menos o perfil das pessoas que utilizariam o local, novamente o que ele e os outros moradores gostariam para lá etc.

Tal conversa mostrou que os moradores queriam um espaço voltado para as crianças e um espaço onde pudessem ser feitas atividades diversas, como feiras festivas (para festa junina), apresentações, enfim, um lugar coletivo. Seu Inácio disse da necessidade de um mural, para deixar recados sobre reuniões ou qualquer outra coisa pertinente à população local e que tinha conseguido alguns bancos de concreto.

Fig. 28 Panorâmica da área da praça no Parque Real
Foto: Gabriela G. Franco

Recolhidas essas informações (espaciais e "sociais") foram levantados os materiais disponíveis e acessíveis, além de ser realizada uma pesquisa sobre materiais alternativos.

O levantamento resultou em piso sextavado, toras de eucaliptos (para banco e ponte do playground), corpos de prova, além de grama e mudas de árvore conseguidas pela Secretaria do Meio Ambiente e forração, que poderia ser recolhida na faculdade ou mesmo nas ruas da cidade.

Uma nova visita ao local foi feita, agora para recolher as medidas para iniciar o processo de projetar.

Após feito um pré projeto, o mesmo foi levado para que os moradores pudessem opinar sobre (estavam presentes representantes da prefeitura, "seu" Inácio e mais um morador).

Fig. 29 Segund visita do grupo ao Parque Real - medição da área
Fonte: Arquivo pessoal

PROJETO

No projeto foi pensado inserir os banco do "seu" Inácio na área da quadra de areia, o que muito agradou os presentes na reunião, visto que permitiria uma mesma linguagem entre os banco da praça (que seriam feitos com toras de eucalipto doadas), mas o material que o próprio morador foi atrás e conseguiu seria usado.

A praça em si foi idealizada composta de três patamares, sendo o mais baixo destinado ao playground para crianças, pois ficaria mais próximo do bar, possibilitando que quem estivesse nele pudesse observá-las. O patamar intermediário seria um espaço de apreciação e descanso, ou mesmo transição. Por fim, o último patamar, com uma área pavimentada maior, permitiria a

realização de apresentações e reuniões. Ligando os três patamares há um caminho, ao redor do qual poderiam ser montadas as barracas nos dias festivos, fazendo uma integração entre a "área das crianças" e dos "adultos". Pensou-se também em dois murais, um colocado no primeiro patamar e outro no último.

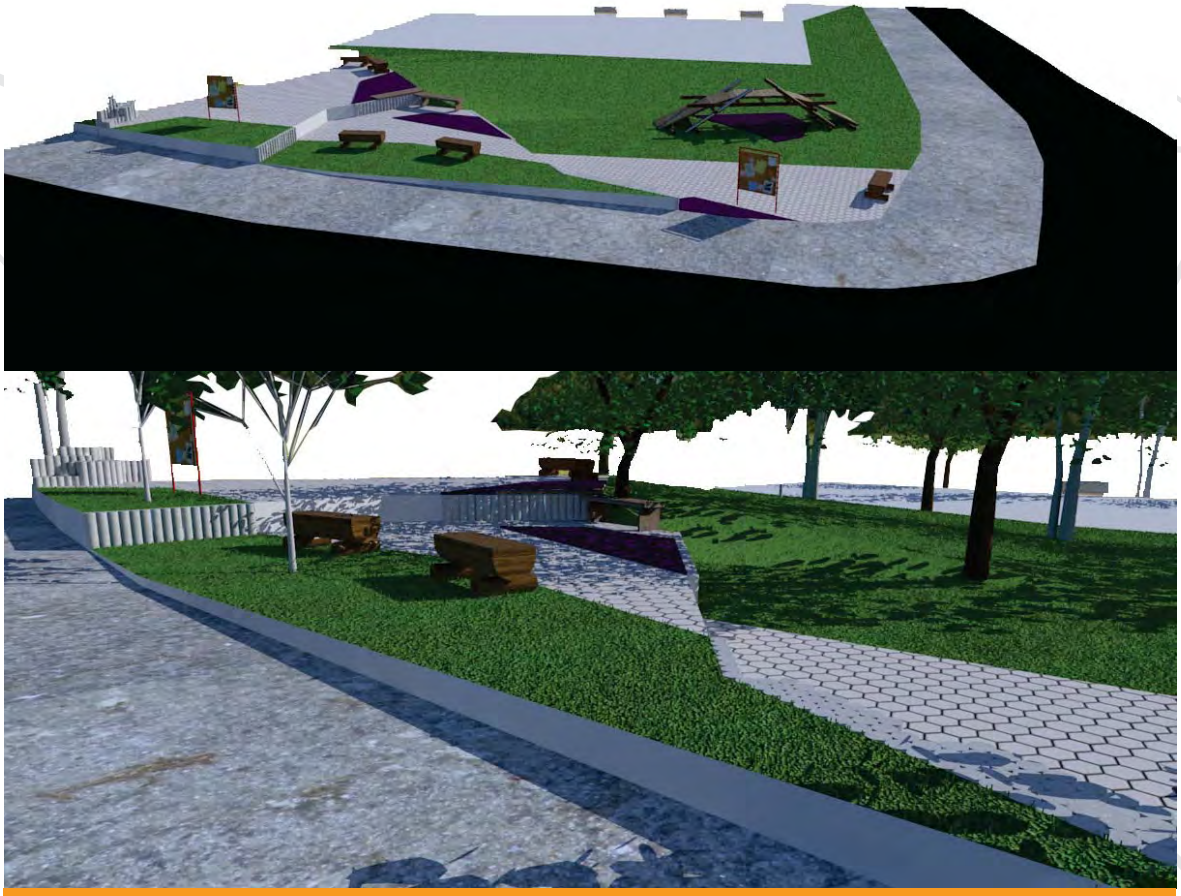


Fig. 30 Perspectivas do projeto inicial da praça Parque Real
Fonte: Arquivo pessoal

PROCESSO CONSTRUTIVO

Para mexer na área, foi preciso terraplanar o terreno, o que demorou um tempo para acontecer, visto que a prefeitura tinha poucas máquinas e outras prioridades. Mesmo assim, o pessoal, tanto do escritório 54 quanto do Parque Real e da prefeitura se mantiveram empolgados com o projeto, empolgação utilizada logo que a máquina passou no local. No dia da visita pós acerto do terreno, foi feito um levantamento do que foi realizado e percebeu-se que o projeto tinha duplicado de tamanho. Os três patamares foram mantidos, mas em escala maior, o que exigiria um novo projeto, mesmo assim, agora com mais gente participando da reunião "ao ar livre", e a cada hora mais pessoas se aproximando , a motivação se manteve e idéias foram reunidas para esse novo espaço.

Como a arquiteta e professora Maria Helena informou, seria possível conseguir equipamentos de ginástica. Mesmo não sendo uma certeza reservou-se o primeiro patamar, que antes era para o playground, para esse fim, visto que ele atendia os 16m^2 necessários para a implantação da academia ao ar livre. A área das crianças foi para o segundo patamar e a área social se manteve no terceiro, que agora estava com um espaço maior.

As idéias foram surgindo e o pessoal se empolgando cada vez mais, o que possibilitou extrapolar os limites do projeto e pensar em acessos para a quadra de areia (sem ser pela calçada) através de uma escada; e em instalações de mesas e bancos para o pessoal poder jogar.

Ver essa motivação, dedicação e colaboração de ambas as partes, transmite um sensação de coletividade e esperança muito grande e sincera.

Para dar início ao assentamento de pedras, seria preciso que a Secretaria de Obras fizesse a rampa ligando os patamares, para delimitar nossa área de atuação. Infelizmente, quando chegou a data de realizar tal tarefa, o tempo não colaborou e além de impossibilitar a atividade, as chuvas acabaram movendo a terra do terreno, atrasando ainda mais o projeto. Agora é preciso esperar uma nova data para o acerto do terreno.

ANÁLISE

Em primeiro lugar nota-se a importância que tem a existência de contatos, pois ambos os trabalhos foram possíveis graças a interseções de terceiros que indicaram às pessoas que procurassem o escritório54 (Parque Real) ou que indicaram ao e54 lugares para trabalhar (APIECE). Sendo assim, quanto mais contatos se têm, maior a probabilidade de encontrar onde se precisa do

que se tem a oferecer e vice e versa.

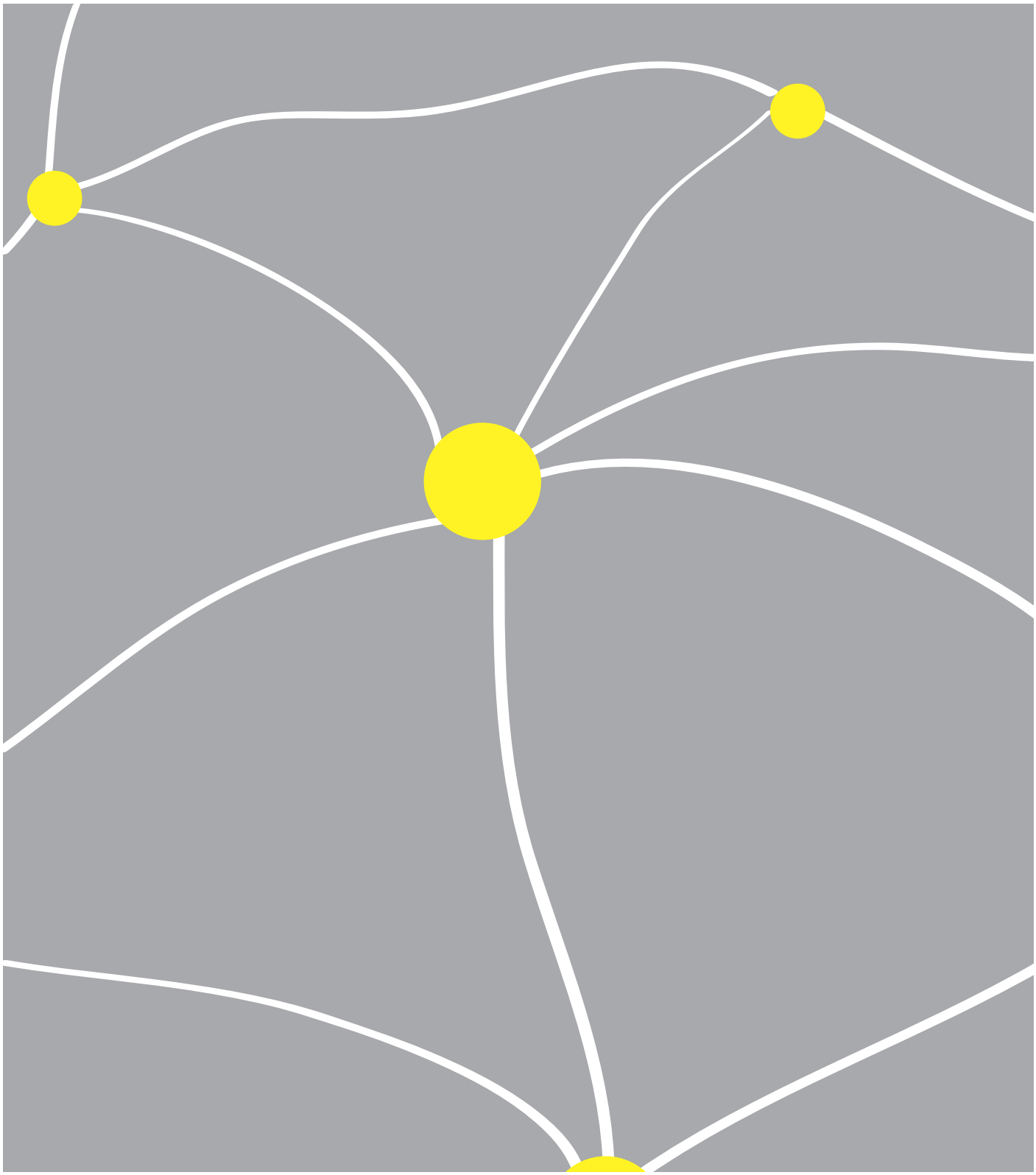
Em ambos os casos foi dada uma atenção especial em se fazer com que os usuários do "novo" espaço se sentissem, de alguma forma, ligados ao projeto de uma maneira mais pessoal, na tentativa de se criar um "apego" ao mesmo tempo em que se cria um sentimento de responsabilidade sobre o local. Entretanto, em cada um dos casos o envolvimento das e com as pessoas se deu de maneira diferente, obviamente, pois se tratavam de lugares diferentes, com público, necessidades e intenções diferentes.

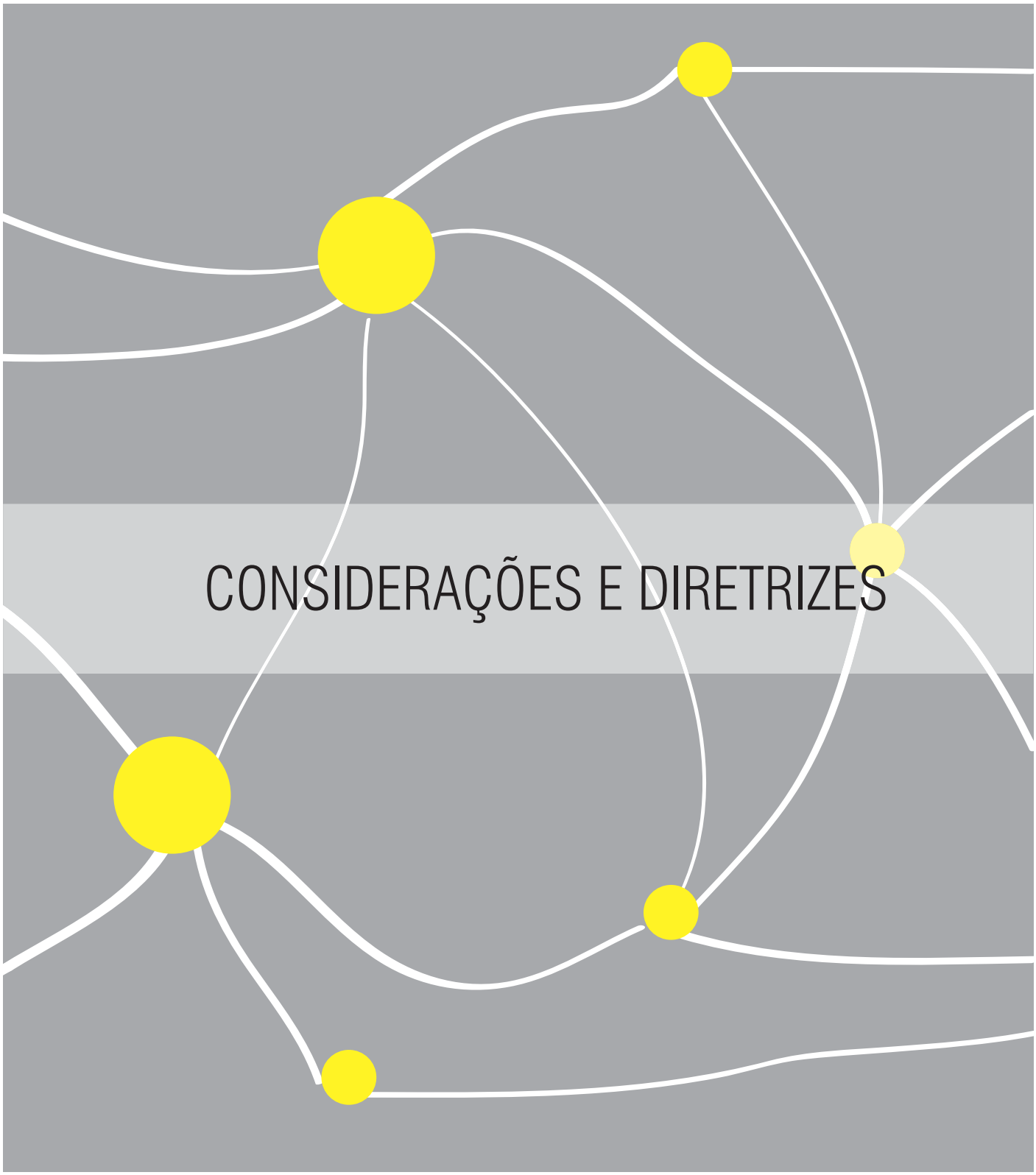
No caso da atuação na APIECE, foi possível ter mais tempo para preparar as atividades de integração, o que resultou em um maior envolvimento com o pessoal, que ficou encantado com a evolução da construção do banco. Já no Parque Real a cobrança em relação ao tempo era grande, teoricamente, quanto antes o projeto ficasse pronto, melhor seria para os moradores do lugar, visto que era uma área propensa a novas ocupações, que se ocorressem, colocariam todo o trabalho social da prefeitura a perder, sem contar o fato de que os moradores do bairro já tinham passado pelo processo de discutir suas necessidades. Mesmo assim, foi possível ter um contato com eles, que, em relação a quantidade de pessoas, deixou a desejar, mas em contribuição com o projeto foi bem positivo, o que mostra que não se pode "obrigar", "forçar" uma pessoa a participar de discussões, isso tem que acontecer de maneira espontânea para que seja produtivo. Essa participação espontânea foi vista num momento mais prático, que mostrou às pessoas que aquele projeto sairia do papel. O que é possível fazer em situações em que não há interesse de participação é uma conscientização da importância que isso tem, entretanto isso se dá de forma lenta e gradual.

Outro aspecto interessante de ressaltar sobre os projetos é a maneira de viabilizá-los. Como o escritório 54 não tinha condição financeira abundante, contar com materiais de doações, contribuiu para as ações.

O projeto inicial, em ambos os casos, são apenas uma diretriz. O fato de se estar presente na construção e em contato com outras pessoas possibilita novas mudanças, geralmente melhores, sem gerar problemas.

Por fim, ambos acrescentaram muito na educação e formação, no mínimo, dos integrantes do grupo.





CONSIDERAÇÕES E DIRETRIZES

CONSIDERAÇÕES FINAIS

COM O PENSAR E O SENTIR

Não há dúvidas de que deve-se raciocinar muito ao realizar um projeto arquitetônico, pensar em condições confortáveis de sensações térmicas, auditivas, táteis, visuais, em soluções funcionais, econômicas e tecnológicas. Contudo o profissional arquiteto não pode se esquecer que não constrói para máquinas, mas para seres pensantes e acima de tudo vivos que, inevitavelmente, estabelecem relações com os espaços que freqüentam. Com uma relação mecânica, formatada, perde-se a potencia da inovação, da criatividade, do bem estar. É por isso que a essência do sentir deve ser intrínseca ao projeto e para isso, além do arquiteto racionalizar o espaço, ele deve senti-lo, permitir o envolvimento, o relacionamento com ele, dessa forma fica mais fácil passar essas qualidades para o produto final. Um bom projeto, com certeza, está no equilíbrio do sentimental com o racional.

> A relevância do método de investigação interpretativa consiste em sua capacidade de propiciar a obtenção de informações sobre dimensões subjetivas dos edifícios, enquanto a investigação científica mostra-se mais apropriada para coletar informações sobre qualidades objetivas. (MALARD apud Maristela Moraes de Almeida, 1995).

CONDICIONANTES PARA UMA ARQUITETURA DA ESSÊNCIA

Embora seja fascinante a idéia do arquiteto relacionar-se de uma maneira pessoal com a população na hora de trabalhar espaços coletivos, nem sempre é possível concretizá-la. Em primeiro lugar é preciso lembrar que a participação das pessoas deve ser incentivada, mas não imposta, até porque, para que o trabalho flua e renda bons resultados é preciso interesse, ou seja, se não há vontade de participação, não há como essa existir.

Um exemplo disso é o trabalho no Parque Real, onde foi agendada uma reunião com os moradores do bairro para mostrar o novo projeto da praça, mas a presença desses foi praticamente nula, sendo representada por apenas duas pessoas. Isso pode acontecer por falta de costume na

participação de reuniões desse tipo, por desinteresse pelo próprio espaço, ou mesmo por descrença, desilusão, por acharem que esse tipo de contato não passa de demagogia (esse seria o suposto motivo do pouco número de pessoas na reunião com o Parque Real, visto que eles já haviam discutido sobre em outra ocasião). Em muitos casos, algumas pessoas acabam participando mais da parte prática do trabalho, pois estão vendo acontecer (isso quando elas, no mínimo, têm um conhecimento da existência do projeto antes de sua execução, dessa forma elas percebem que o interesse na participação delas não era em vão) essa iniciativa acaba atraindo mais "voluntários".

Outros fatores como idade, sexo, cultura, experiência de vida influenciam na participação das pessoas. Em geral, crianças e jovens estabelecem um envolvimento maior com a parte de "concepção" de idéias, as mulheres também se interessam por colaborar.

O mercado de trabalho é mais um empecilho. Nos dias atuais, tudo o que se pede é para ontem, o que acaba dificultando criar vínculos com a população, visto que isso leva tempo. Além do fato de, por tratar-se de mercado, portanto de lucro, nem sempre as pessoas são o foco. Essa condição de lucro (financeiro) acima de tudo, do benefício pessoal em detrimento do coletivo faz com que muitos planejamentos, propostas e idéias não saiam do papel, ou seja, o problema aqui não é nem a falta de interesse da população em participar, mas a impotência, tanto social quanto do poder público em lidar com os que detém boa parte da renda da cidade. Embora o Estatuto da cidade contemple instrumentos de regulação em situação de especulação, nem sempre eles são aplicados para a solução dessa problemática.

Além disso, temos a escala de projeto. Quanto menor o projeto, sua escala de abrangência, maior a relação estabelecida entre o arquiteto e os usuários, pois fica mais fácil de ambos se envolverem, de criarem "intimidade", com isso o espaço para participação, sugestões, opiniões, idéias acaba sendo maior também.

Quando a escala do projeto é muito grande, como parques, planejamentos urbanos, entre outros, não significa que a população não possa dar sua contribuição, entretanto ela precisa ser limitada para a viabilização do trabalho, pois nesses casos seriam muitas sugestões para serem discutidas e analisadas, o que estenderia muito o tempo de projeto.

Na maioria das vezes, seria necessário também uma instrução e capacitação da população para uma participação efetiva, e considerando a escala, isso pode ser inviável. Sendo assim o envolvimento da população pode se dar através do levantamento de necessidades de forma geral, a menos que o exercício de interação, seja trabalhado não apenas quando se vai fazer um projeto de grande escala, mas a todo tempo, em qualquer atuação.

Às vezes, só o fato de observar, de vivenciar e estudar a dinâmica do espaço a ser trabalhado, já demonstra uma preocupação do arquiteto com os futuros usuários do local.

CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

Como já mencionado, o envolvimento dos arquitetos com a sociedade auxilia no amadurecimento e emancipação de ambos. Valendo-me das palavras de Herman Hertzberger (1999) "mais emancipação gera mais motivação e deste modo pode-se liberar a energia represada pelo sistema de decisões centralizadas".

Os trabalhos realizados junto ao e54 proporcionaram uma visão mais real e próxima de lugares que não faziam parte do meu cotidiano e que, no caso do Parque Real, assim como de outras regiões periféricas, mereciam uma atenção maior de arquitetos, urbanistas e paisagistas. Embora sejam passadas noções e propostas de trabalhos para esses tipos de áreas na faculdade, pelo menos em algumas, é necessário um contato maior com elas para de fato se perceber a importância de se trabalhar nelas. O fato desse contato se dar durante o período de faculdade permite que se alinhe o choque de realidade e as inúmeras insatisfações com o espírito ainda sonhador e transformador que existe nos estudantes, além de influenciar na formação de valores a respeito da própria atuação do arquiteto na sociedade.

O Parque Real possibilitou o entendimento da viabilidade das coisas. Nesse caso a prefeitura acabou por tomar a liderança no processo construtivo, organizando e planejando os dias de atuação na área, mas devido ao fato da burocracia, prioridades e carências dela, o andamento do projeto acabou sendo demorado. Talvez se o e54 possuísse uma verba que desse para contratar ou comprar serviços e materiais necessários, ou seja, se não houvesse tanta dependência, o projeto sairia com mais facilidade.

DIALÉTICA NA ESSÊNCIA DA ARQUITETURA

Para finalizar, um aspecto muito interessante a ser destacado quando há envolvimentos do arquiteto é seu caráter dialético. Como já mencionado, quando consegue-se uma aproximação entre arquiteto, usuários e espaço, não há mais distinção entre esse profissional e o cliente, do modo como genericamente é concebido hoje - que o primeiro retém toda a informação necessária e o segundo apenas a recebe em forma de projeto - ambos, por um momento (pois nada é definitivo), são as duas coisas, com vontades e idéias para o local a ser modificado. Há, nas relações mostradas

nesse trabalho, uma construção conjunta de arquitetos, sociedades e arquitetura. Além disso, esse é um processo que está sempre devolvendo o que foi dado inicialmente, num primeiro momento tem-se a relação com as pessoas para tentar conseguir uma boa arquitetura, depois de pronta, e atingido o objetivo, essa arquitetura contribui para uma maior relação entre as pessoas.

Ao lidar com seres humanos, a arquitetura da essência acaba lidando com os pensamentos deles, que são intimamente ligados com suas opiniões, desejos e vontades e isso que é tomado pelo arquiteto como ponto de partida para o projeto. Entretanto, esses pensamentos se aperfeiçoam ou mesmo se transformam totalmente com o passar do tempo, o que pode implicar em novos desejos e necessidades. Ocorrendo isso, inevitavelmente haverá mudanças no projeto, que se bem pensado, poderá comportá-las. Há dessa forma uma eterna situação de relação e evolução do homem com o espaço.

DIRETRIZES

> Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para depois dividi-lo em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria-inerte que seja trabalhado pelo homem mas não se volte contra ele; um espaço Natureza social aberto à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado. (SANTOS, 2004).

Por fim é possível esboçar caminhos para que seja possível realizar uma atuação que conte com o envolvimento do arquiteto:

FORMAÇÃO

Antes de mais nada o futuro arquiteto deve aprender a entender e viver a cidade, as edificações, os espaços em geral, dessa forma a compreensão da importância de sua atuação ocorre com mais facilidade. Os próprios professores precisam ter essa noção para que seja passado um conteúdo com embasamento, aumentando as chances de formação de verdadeiros arquitetos, ao invés de meras máquinas alienadas de projetar.

RELAXAMENTO E CONCENTRAÇÃO

Para que qualquer pessoa consiga perceber o que está a sua volta é preciso atenção e tranquilidade, para isso, deve-se estar no momento presente, se esquecendo dos problemas, que não serão resolvidos com preocupação ou nervosismo. Um exercício que auxilia no relaxamento é o controle da respiração. Ao se prestar atenção nesse processo essencial da vida, respira-se com mais profundidade, acalmando o corpo e a mente. Assim, com a mente aberta, se abrem as chances de captar o que o entorno tem para transmitir.

ABERTURA DA COMUNIDADE

Outro fator importante para que se consiga estabelecer uma aproximação com as pessoas é elas estarem predispostas à isso, para que haja de fato um diálogo, uma contribuição para ambas as partes. Por isso é importante ter um conhecimento prévio do lugar em que se vai atuar.

DISPOSIÇÃO

A partir dos estudos de caso feitos, pode-se notar que o projeto inicial serve como orientação, mas não como regra, ou seja, ele é passível de mudanças. Sendo assim, o arquiteto precisa estar preparado para as indas e vindas dessa metodologia sugerida, enxergando as tranformações que surgem como algo positivo e enriquecedor.

PARCERIAS

Estabeler relações de confiança possibilita agregar contatos, o que significa colaboração para concretizar trabalhos, ou mesmo consegui-los. Novamente ressaltando, quanto mais contatos, maior a divulgação e conhecimento sobre o trabalho realizado, e isso contribui para proporcionar satisfação, visto que as procuras serão feitas com base no que se tem a oferecer, que supostamente é o que se gosta de fazer.

CREDIBILIDADE

Quando se trata de aproximação com a sociedade é preciso tomar certos cuidados, pois muitas expectativas são geradas. Para tomar iniciativas de envolvimento, primeiro é preciso ter segurança de que o que for proposto poderá ser concretizado. Uma solução é já expor alguns limitantes, dessa forma, se evitam frustações.

VIABILIDADE

Uma alternativa para viabilizar o trabalho consciente que aqui se propõe seria a elaboração de projetos consistentes, passíveis de aprovação por instituições públicas ou privadas, expondo e explicando seu desenvolvimento e contribuição para a sociedade.

Essa seria uma maneira de utilizar recursos destinados a esse fim, que, por falta de informação, interesse ou projetos qualificados, não são aproveitados como deveriam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

ARANTES, Pedro Fiori. Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões. São Paulo: Ed. 34, 2002.

BRASIL. Estatuto da Cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos. 2 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana.São Paulo: Ed.70, 2006.

FEITOSA, Charles. Explicando a filosofia com arte. Rio de Janeiro: Ediouro 2004.

FERREIRA, Carlos N;VOGEL, Arno; MELLO, Marco A. da Silva. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3ª ed. São. Paulo: Projeto FINEP/IBAM, 1985.

HERTZBERGER, Hermam. Lições de arquitetura.- 2ªed.- São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OKAMOTO, Jun. Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2002.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Edusp, 2004.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

Teses:

ALMEIDA, Maristela Moraes de. Análise das interações entre o homem e o ambiente: estudo de caso em agência bancária. 2007. 48f. Dissertação (Mestrado em engenharia) Universidade Federal de Santa Catarina – Forianópolis, SC.

AMARAL, Marina B. Limites e possibilidades: a relação edifício/ cidade na av. Paulista. 2007. 182f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo – São Carlos, SP.

BAURU, Plano diretor (2008). Plano Diretor Participativo do Município de Bauru. BAURU, 2008.

Congresso/ Seminário:

XVIII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 18., XI ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 5., I MOSTRA CIENTÍFICA,1., 2009, Pelotas.

ROSE S. DUARTE , Cristiane; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Projetar 2005: relato do segundo seminário nacional. Arquitextos, São Paulo, 06.067, Vitruvius, dez 2005 <http://www.vitruvius.es/

revistas/read/arquitextos/06.067/394>.

Site:
FERREIRA, João Sette Whitaker. Perspectivas e desafios para o jovem arquiteto no Brasil. Qual o papel da profissão?. Arquitextos, São Paulo, 12.133, Vitruvius, jul 2011 <http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/12.133/3950>.
NAHAS, Paula Carvalho. Projetos Participativos: Importância e concepções, Techoje: uma revista de opinião, 703, Ietec, 2009 <http://www.ietec.com.br/site/techoje/categoria/detalhe_artigo/753>
RHEINGANTZ, Paulo A; ALCÂNTARA, Denise de. Cognição experiencial, observação incorporada e sustentabilidadena avaliação pós ocupação de ambientes urbanos. Rio de Janeiro, 2007. <http://www.fau.ufrj.br/prolugar/arq_pdf/diversos/revista_ambi_constr_antac2007_par_deal.pdf>
NETTO, Vinicius de Moraes. O efeito da arquitetura:. Impactos sociais, econômicos e ambientais de diferentes configurações de quarteirão.Arquitextos, São Paulo, 07.079, Vitruvius, dez 2006 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/290>.
http://www.iabsp.org.br/concurso.asp?ID=131
http://habituee.wordpress.com/page/6/
http://casadaidea.com.br/tag/bauhaus/
http://hotsite.bauru.sp.gov.br/planodiretor/default.aspx

http://www.livrevista.com/article.php?id=403
http://liquidifique-se.blogspot.com/
http://arquiteturabrasileirav.blogspot.com/2008/11/paulo-mendes-da-rocha-biografia-paulo.html
http://www.ehelpcarolina.com/entenda-como-chip-big-brother-mudar-vida-motorista-brasileiro/
http://www.sempretops.com/wp-content/uploads/serra-da-capivara-32.jpg

Música:
BARBOSA, Lúcio RAMALHO. Cidadão. Intérprete: Zé Ramalho. In: 20 Supersucessos - Zé Ramalho - Vol. II. Sony, 1999. 1 CD. Faixa 4.